



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,  
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Dissertação de Mestrado

**O psicanalista sem divã:  
estudo autoetnográfico com mulheres artesãs em uma ONG**

Yan Siqueira Santiago

Brasília - DF  
Agosto de 2024



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,  
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

**O psicanalista sem divã:  
estudo autoetnográfico com mulheres artesãs em uma ONG**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Psicologia Social, do Trabalho e das  
Organizações como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes

Brasília - DF  
Agosto de 2024

Dissertação de mestrado defendida diante e avaliada pela banca examinadora constituída por:

---

Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes (Orientadora)

Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Jean-Michel Vivès (Membro)

Université Côte d'Azur

---

Prof. Dr. Thamy Ayouch (Membro)

Département d'Études Psychanalytiques

Paris Cité

---

Prof. Dr. Emílio Peres Facas (Suplente)

Instituto de Psicologia

Universidade de Brasília

## Agradecimentos

Gostaria de não somente agradecer como também de dedicar a presente dissertação a todas as pessoas que puderam contribuir de alguma forma para que este trabalho pudesse se concretizar. Fruto de um longo percurso acadêmico, esta dissertação não apenas representa uma proposta de visão de trabalho, mas também meus caminhos, minhas alegrias, minhas angústias, meus desejos e os vínculos que criei ao longo da caminhada. Meus caminhos nunca foram retílineos: neles eu sempre fiz curvas, voltas, retornos, mas toda escolha por determinada direção sempre teve a influência e o apoio de alguém que de alguma forma se importava comigo.

À minha mãe por me ensinar que a vida é leve e bela, e pela paciência em todos os meus percursos. À minha avó Madalena por não medir esforços para cuidar, amar e criar nossa família. Ao meu avô Tarcísio (*in memoriam*), por partilhar tantos significados sobre o trabalho e os estudos. Aos meus avós Pedro (*in memoriam*) e Maria por todo o carinho. Às minhas tias Camila, Clarissa e Kátia por sempre cuidarem de mim como filho. Ao meu tio Carlos pelas boas influências na profissão e na música. Aos meus primos Xande, Caíque e Malu pelas alegrias e brincadeiras.

À Larissa pelo imenso companheirismo, pelo amor, pela sensibilidade, pelas conversas e por tornar minha vida mais feliz todos os dias. Obrigado por entender e não soltar minha mão nesta caminhada! Aos meus sogros e à família Duarte pelo grande apoio e acolhimento.

Ao Francisco e ao Viktor por sempre se mostrarem bons ouvintes e bons conselheiros mesmo que distantes, com vocês sempre me senti acolhido. Ao André por partilhar e incentivar o caminho intelectual, agradeço pelas infinitas conversas na UnB, pelos papos filosóficos e pelas centenas de cafés na biblioteca.

Aos colegas do grupo de estudos da professora Ana Magnólia: Paulo, Solange, Camila, Newton, Franciny e Lívia. Obrigado pela troca de saberes e por tornarem mais leve o percurso na pós-graduação.

À Vânia pelo cuidado e seriedade no trabalho que conduz. Aos meus colegas de equipe na instituição que desenvolvi o presente trabalho.

Às artesãs que me transmitiram valiosíssimos aprendizados, os quais levarei para o resto da minha vida.

À Fernanda Sousa Duarte, minha coorientadora, pela generosidade em partilhar tantos conhecimentos, pela disposição e entusiasmo em discutir conceitos, reflexões, métodos e teorias e pela paciência em manejar as minhas angústias durante esse processo.

À minha orientadora, Ana Magnólia, que apostou e confiou em mim desde o início. Obrigado por ser uma orientadora que abre caminhos, pensamentos e desejos. Obrigado por sempre me ouvir e me encorajar a continuar. Há o desejo do analista, que insiste no desejo em jogo em uma análise, e com sua orientação percebi que há o desejo do orientador, que insiste no desejo de pesquisa do aluno, e que o ajuda na travessia.

À todas(os) vocês, agradeço e dedico este trabalho.

*"Não seja feiticeiro, mas, se o és, faze o teu ofício"*

(Victor Hugo, Os trabalhadores do mar)

## Resumo

Este estudo teve como objetivo caracterizar os trabalhos (im)possíveis do psicanalista fora do *setting* tradicional a partir de uma metodologia de pesquisa qualitativa. A prática analítica fora do consultório foi realizada em uma ONG e o método empregado foi a autoetnografia. Sendo assim, como idiosincrasia desse tipo de método, o principal participante da pesquisa foi o próprio pesquisador. O referencial teórico utilizado para analisar o trabalho autoetnográfico foi a Clínica Lacaniana do Trabalho proposta por Mendes (2018, 2022) e seu possível desdobramento em analisar o trabalho *da* e *na* psicanálise fora do *setting* tradicional. A discussão e os achados consistiram nas seguintes concepções acerca dos trabalhos (im)possíveis do psicanalista fora do *setting*: (1) o psicanalista precisa levar em consideração o contexto social em que se insere, entendendo que muitos dos fatores de sofrimento que se pretende tratar são sociogênicos e não psicogênicos; (2) é preciso também entender como iniciar o trabalho *da* psicanálise, uma vez que, em uma instituição, não são os analisandos que chegam até o psicanalista, mas este que vai até os analisandos - demandando uma postura mais ativa e cuidadosa do psicanalista para *instituir* a psicanálise; (3) a relação psicanalista-instituição deve ser manejada da melhor maneira possível para que a permanência do analista possa acontecer - há maneiras em que o analista pode contribuir com a instituição sem que um queira dominar discursivamente o outro.

**Palavras-chave:** psicanálise; trabalho; trabalho do psicanalista; psicanálise extramuros; autoetnografia.

## Abstract

This study aimed to characterize the (im)possible tasks of the psychoanalyst outside the traditional setting using a qualitative research methodology. The analytical practice outside the office was conducted in an NGO, and the method employed was autoethnography. Thus, as an idiosyncrasy of this type of method, the main participant in the research was the researcher himself. The theoretical framework used to analyze the autoethnographic work was the Lacanian Work Clinic proposed by Mendes (2018, 2022) and its possible development in analyzing the work *of* and *in* psychoanalysis outside the traditional setting. The discussion and findings consisted of the following conceptions about the (im)possible tasks of the psychoanalyst outside the setting: (1) the psychoanalyst needs to consider the social context in which they are inserted, understanding that many of the suffering factors intended to be treated are sociogenic and not psychogenic; (2) it is also necessary to understand how to initiate the work of psychoanalysis, since, in an institution, it is not the analysands who come to the psychoanalyst, but the psychoanalyst who goes to the analysands - requiring a more active and careful stance from the psychoanalyst to establish psychoanalysis; (3) the psychoanalyst-institution relationship must be managed as best as possible for the analyst's permanence to occur - there are ways in which the analyst can contribute to the institution without one wanting to dominate the other discursively.

**Keywords:** psychoanalysis; work, the work of the psychoanalyst; extramural psychoanalysis; autoethnograph.

## **Lista de abreviações**

ABE	Associação Brasileira de Educação
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
IPA	International Psychoanalytical Association
ONG	Organização Não Governamental
OSC	Organização da Sociedade Civil
SBPRJ	Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
SBPSP	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
SPRJ	Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

## Sumário

Introdução .....	11
Capítulo 1: Breve História da Psicanálise no Brasil .....	15
Capítulo 2: E psicanalista trabalha? .....	27
Capítulo 3: Autoetnografia .....	40
Capítulo 4: Trabalhos (im)possíveis do psicanalista .....	66
Capítulo 5: Considerações finais .....	83
Referências .....	86

## Introdução

*Adoecer de nós a Natureza:  
-Botar aflição nas pedras  
(Como fez Rodin)  
(Manoel de Barros, O livro das Ignorâncias)*

O trabalho do analista é um tema amplamente discutido no campo da Psicanálise desde sua invenção. Quais são as técnicas da psicanálise? O que um analista iniciante deve saber? Quem pode exercer a psicanálise? Como é formado um analista? Essas são algumas questões comuns e relevantes que foram debatidas no passado, são debatidas no presente e serão debatidas no futuro. É como se a própria Psicanálise fosse o sujeito que mais se deitou em um divã, questionando-se: o que faço aqui? Na resposta a todas essas questões, a imagem de um *setting* específico - o do divã dentro de um consultório - costuma prevalecer como lugar comum da psicanálise. Nesta dissertação, exploro o trabalho da psicanálise fora de quatro paredes visando contribuir para as reflexões sobre o trabalho do analista. A partir da psicanálise lacaniana do trabalho proposta por Mendes (2018, 2022), onde o trabalho do psicanalista é compreendido também a partir de uma noção marxista de trabalho, me debruçarei sobre o trabalho da psicanálise e o trabalho na psicanálise fora do consultório. O psicanalista tem estado fora do consultório tradicional desde Freud (1919/2017), e no Brasil atual não é diferente (Heissler & Gurski, 2020; Khouri & Leite Netto, 2016; Rocha & Santos, 2022; Mouammar, 2023; Oliveira, Mondoni & Palma, 2021; Bragança, Biazus & Alberti, 2022; Guimarães e Jardim, 2019; Pinto, 2019). Dessa forma é possível observar que o psicanalista pode analisar fora do *setting*. Mas quais são os trabalhos envolvidos nesse contexto?

Sigmund Freud (1856-1939), pai da Psicanálise, dedicou boa parte de sua obra para pensar a psicanálise como ciência, clínica, trabalho e profissão. Para Freud, o trabalho na Psicanálise tem uma importância como profissão (*beruf*, do alemão: profissão, carreira) e como trabalho psíquico (*arbeit*, do alemão: trabalho, labor). Dessa forma, o trabalho na Psicanálise tem sido pensado desde seus

primórdios (Ventura, 2016), principalmente enquanto atividade psíquica - *trauerarbeit* (o trabalho do luto), *traumarbeit* (o trabalho do sonho), *bearbeitung*, *durcharbeitung*, *verarbeitung* (os três conceitos associados à perlaboração).

A obra de Jacques Lacan (1901 - 1981) evidencia o trabalho do psicanalista. A partir de suas reflexões sobre a formação e o trabalho do analista, como a noção de que o analista trabalha no discurso do analisante, enfatiza-se que o trabalho da psicanálise se dá no campo da fala e da linguagem (Furtado, 2008).

No entanto, proponho, a partir do trabalho de Mendes (2018, 2022), pensar o trabalho do analista enquanto trabalho vivo que transforma o analisando por meio do fazer, ou seja, da escuta. Ao se apoiar teórica e metodologicamente na psicanálise lacaniana para fazer uma clínica com trabalhadores em sofrimento no trabalho, o trabalho de Mendes possibilita pensar tanto o trabalho *na* psicanálise - escutando trabalhadores – quanto o trabalho *da* psicanálise – pensando no que faz o analista. Para Mendes (2022), o analista só pode entregar seu não-saber e seu desejo de analisar, fazendo com que o sujeito trabalhe a partir do processo da fala e da elaboração, percorrendo sua cadeia significativa e a desengessando: "fazer com que o trabalho de escuta clínica permita ao sujeito trabalhar de uma forma diferente. A partir da transferência, reviver ou experienciar uma forma diferente de trabalho" (Mendes, 2022, p. 160).

Entretanto, pensar em trabalho psicanalítico é quase como ato reflexo – ou seria ato falho? – pensar que esse trabalho ocorre necessariamente entre quatro paredes e em um divã, ou seja, em um *setting* específico e em uma esfera privada. A psicanálise nasce sob essas condições, de fato, mas antes de completar vinte anos de existência já é lançada para o mundo público. As práticas de psicanálise fora do consultório têm uma ampla e profunda história, tendo seu início no século XX, mais especificamente após o discurso de Freud em Budapeste no ano de 1918, onde Freud pleiteia que a psicanálise não se restrinja aos consultórios (Danto, 2019). A partir daí vários projetos de clínicas públicas foram desenvolvidos e postos em prática. Entre 1920 e 1938, em dez cidades e sete países diferentes, ao menos 12 clínicas públicas foram erguidas na Europa, de Zagreb a Londres,

contando com Berlim, Viena e Budapeste (Lima, 2019). Esse movimento de "publicização" da Psicanálise tinha um óbvio cunho político: que a Psicanálise pudesse alcançar as camadas mais pobres da população, pois estas também teriam direito a um tratamento psíquico assim como tinham direito a cirurgias básicas (Freud, 1919/2017). A Psicanálise, assim, não se ensurdeceria por completo para o fator sociopolítico do sofrimento psíquico de modo que até mesmo nomes importantes do movimento se autodeclaravam marxistas, comunistas, socialistas ou sociais-democratas (Lima, 2019). O fim do movimento das clínicas públicas se deu com a ascensão do nazismo na Europa, tendo algumas clínicas chegado à extinção.

No Brasil, a Psicanálise teve sua entrada como teoria de suporte para a Psiquiatria no início do século XX, mas também foi estudada pelos modernistas em 1920 adquirindo uma feição contestatória, política e contrária à eugenia e ao higienismo (Facchinetti, 2001). É somente na primeira década da ditadura militar que iniciativas de clínicas públicas surgem com Hélio Pellegrino (1924-1988) e Katrin Kemper (1905 - 1978), abrindo as portas para outras iniciativas vindouras com Maria Rita Kehl, Jorge Broide e Miriam Debieux Rosa. Atualmente o cenário brasileiro de psicanalistas interessados em debater e praticar a psicanálise fora dos consultórios tem crescido e já se vê um número crescente de iniciativas desse tipo, principalmente na cidade de São Paulo (Psicanálise na Praça Roosevelt, Margens Clínicas, Clínica Pública de Psicanálise, DIVAM, Clínica Aberta de Psicanálise). Outras iniciativas também estão presentes em capitais dos estados de Goiás, do Mato Grosso, do Rio Grande do Sul e no Distrito Federal, todas nomeando sua localidade: Psicanálise na ou de rua (Coaracy & Guimarães, 2019). A presente dissertação se inspira nesta mais recente irrupção de iniciativas brasileiras e tem como foco de estudo o trabalho do psicanalista fora do consultório e longe do divã.

O objetivo deste trabalho é caracterizar os trabalhos (im)possíveis do psicanalista fora do *setting* tradicional. Como objetivos específicos, esta dissertação visa: (1) analisar a constituição do trabalho do psicanalista em solo brasileiro, evidenciando as peculiaridades deste trabalho dentro da dinâmica capitalista; (2) analisar a história das iniciativas de psicanálise fora do *setting* privado; e (3)

descrever uma prática analítica fora do consultório. Portanto, a presente dissertação se enquadra em uma pesquisa da Psicanálise aplicada (Freud, 1926/2017), extramuros (Laplanche, 1992) ou em extensão (Lacan, 1967/2003), entendendo que a escuta psicanalítica é possível em outros contextos que não a clínica (Rosa, 2004b).

Para isso, no capítulo 1 abordarei uma breve história da Psicanálise no Brasil, focando elementos sócio-históricos importantes. Ao caracterizar o contexto cultural e social, a noção dos limites do *setting* é desafiada – mesmo dentro do consultório, a Psicanálise nunca está isolada da história e da cultura da sociedade em que se insere. No capítulo 2, exploro o trabalho da psicanálise: um trabalho, um ofício, uma profissão? Meu objetivo neste capítulo é evidenciar como o capitalismo pode tensionar o trabalho do analista. No capítulo 3 apresento a autoetnografia, método de pesquisa que conjuga aspectos da autobiografia e da etnografia (Ellis, 2004), que realizei durante 9 meses em uma instituição não governamental. No capítulo 4, discuto os achados da autoetnografia à luz do referencial teórico proposto por Mendes. Por fim, no capítulo 5, concluo esta dissertação apresentando as contribuições e limitações do meu estudo, assim como sugiro uma agenda de pesquisa sobre o trabalho *na* e *da* psicanálise.

## Capítulo 1. Breve história da Psicanálise no Brasil

*O desenvolvimento é uma viagem  
com mais náufragos do que navegantes.  
(Eduardo Galeano, As veias abertas da América Latina)*

A história da entrada da Psicanálise em terras brasileiras possui aspectos muito singulares. Primeiro porque essa importação - em sua forma mais embrionária - se deu inicialmente pela via acadêmica, no século XIX, mais especificamente com alguns acadêmicos do curso de Medicina. Posteriormente, se deu a entrada pela arte, na corrente modernista do início do século XX, mas somente como inspiração literária para (re)pensar o Brasileiro, realizando um movimento disruptivo na forma de abordar nossa constituição como nação. Isso implica dizer que ela foi absorvida somente como teoria, em um primeiro momento, e não como o tripé conhecidamente defendido pela tradição freudiana que exige a análise pessoal, o estudo teórico e a supervisão de casos por um outro analista, apontando a questão da entrada da Psicanálise não para a formação de analistas, mas para um embasamento teórico sobre como pensar o povo e a nação brasileira. Neste capítulo abordarei a história da Psicanálise no Brasil em dois movimentos: de fora pra dentro – da Europa para o Brasil – e de dentro pra fora – das instituições médicas e educativas para a rua.

Ao examinar as entradas discursivas da Psicanálise no Brasil, observa-se que, de um lado, houve a medicina psiquiátrica influenciada fortemente por ideias do darwinismo social com uma missão higienista e eugenista sobre a população brasileira. Por outro lado, observa-se também uma entrada via arte moderna brasileira, com o movimento dos que compuseram a Semana de Arte de 1922, que propunha uma leitura contestatória dos valores morais e sociais dominantes no país em construção. Em ambos os lados, a Psicanálise passaria a formar futuramente um dos pilares que sustentariam o desejo da elite intelectual em construir uma imagem/identidade do Brasil e do brasileiro. Foi em torno da ideia de tentar definir o Brasil e os brasileiros identitariamente que se iniciou um movimento da importação de ideias, teorias e também do início de uma produção

intelectual e artística sobre o país. O objetivo era fazer com que o país deixasse de ter a imagem de uma colônia e passasse a se portar como um país desenvolvido. Contudo, o esforço dessas duas elites em criar tal imagem promoveu o silenciamento dos movimentos de resistência à unidade territorial, bem como silenciou os indígenas e os escravizados africanos, esses que representavam uma “ameaça” à construção de um país nos moldes europeus. O nacionalismo e o patriotismo defendidos eram, paradoxalmente, dos valores e modos de viver europeus. (Facchinetti, 2001).

Esse processo "civilizatório" baseado na tentativa de dar credibilidade ao projeto identitário por meio da entrada de ideias da ciência moderna no país, no projeto de fabricar uma imagem idealizada do Brasil e dos brasileiros, coaduna com o higienismo e seus objetivos de domesticar corpos, culturas e formas de viver dos povos originários, dos africanos escravizados e de tudo aquilo que não representava o modo de vida europeu. Porém foi pela via da Psiquiatria que a Psicanálise brasileira mais se identificou com ideais higienistas e eugenistas, alinhando-se com seus objetivos de controle social (Castro, 2014; Torquato, 2015).

A Psiquiatria brasileira da época empreendia um projeto de regulação e organização do funcionamento social desde uma perspectiva sanitária para tratar não só de doenças corporais e biológicas dos sujeitos, mas também da organização da sociedade. A Psiquiatria supervisionava a saúde da população com o intuito primordial de garantir a segurança e prosperidade da nação. O entendimento científico daquele momento era o de que as “mazelas sociais” deveriam ser tratadas comportamentalmente e moralmente para que um tipo mais "civilizado" de brasileiro pudesse emergir. Essas são características fundamentais da construção do “projeto civilizatório-educativo” não só da Psiquiatria brasileira da época como da comunidade médica e científica como um todo (Torquato, 2015). Para os médicos higienistas de então, fortemente influenciados pela teoria da degenerescência, a mistura racial do povo era tomada como um entrave para a realização do projeto de civilização do país.

A tese *Da psychanalyse: a sexualidade das neuroses*, de Genserico Aragão de Souza Pinto (1914), ilustra bem a tendência dos psiquiatras em considerar que o método psicanalítico só poderia

ser aplicado em pessoas de “elevado nível cultural”. Em sua tese, Pinto (1914) apresenta cinco casos clínicos, sendo eles quatro mulheres - três delas de origem europeia - e um homem. Castro (2014), ao analisar o trabalho de Pinto, observa que:

essa perspectiva demonstra que o autor vinculava o alto nível cultural e intelectual às civilizações europeias, que transmitiam a ideia de um refinamento do comportamento social e cultural, em contraposição ao Brasil, que ainda buscava sua modernização e o estabelecimento de um nível de civilização ‘adequado’. O caso do único homem apresentado, mostrando-o como ‘portador do vício’ da ‘prática imoral do onanismo’, era a exemplificação da falta de civilidade e refinamento sociocultural que prevalecia nos brasileiros. (p. 62)

O excesso de paixões, o comportamento impulsivo, instintivo, que, segundo os intelectuais daquela época, eram herdados do modo de vida africano e indígena, eram tomados como comportamentos "primitivos", contrários ao controle esperado para a possibilidade de um estado nacional moderno e civilizado. A Psiquiatria apresentava-se como um saber que poderia auxiliar esse projeto educativo e civilizatório do povo brasileiro (Torquato, 2015). Assim, o discurso psicanalítico foi paulatinamente se agregando ao movimento eugênico que se instalou discursivamente no país. As ideias freudianas passaram a servir como possibilidade de adestramento para o povo brasileiro primitivo, povo esse rotulado por sua fraqueza e hibridez, que precisaria ser “reformado” (Porto-Carrero, 1933, citado por Torquato, 2015). A Psicanálise ia também sendo aos poucos institucionalizada, tanto dentro do meio acadêmico, quanto em instituições de saúde, como a Liga Brasileira de Higiene Mental (Castro, 2014). Enquanto projeto civilizatório-educativo, a Psicanálise ganhou espaço não só em instituições médicas, como também na área de educação, mais especificamente na Associação Brasileira de Educação - ABE, por meio da intervenção de Júlio Pires Porto-Carrero (1887 - 1937) e de Deodato de Moraes. Os dois psiquiatras exerceram ampla força política na ABE para que a Psicanálise compusesse o rol de teorias que embasavam a educação

brasileira. O argumento era de que, na educação, a Psicanálise poderia exercer a função de prevenção de comportamentos advindos do "id primitivo" brasileiro, principalmente na área de educação infantil. Ao mostrar para os professores a teoria freudiana, estes poderiam ensinar as crianças a sublimar impulsos violentos ou imorais, podendo assim ter um melhor desenvolvimento como cidadãos. A presença da Psicanálise na ABE perdeu força em 1931.

Assim se deu a entrada da Psicanálise em solo brasileiro pela via da Psiquiatria, uma estranha convivência entre eugenia, higienismo e a teoria psicanalítica, algo que provoca a incredulidade em uma perspectiva contemporânea (Guerini & Costa, 2019; Russo, 2006).

Por outro lado, pelo movimento modernista de 1922, principalmente nas figuras de Mário de Andrade (1893 - 1945), Oswald de Andrade (1890 - 1954) e Menotti del Picchia (1892 - 1988), a Psicanálise e as teorias freudianas foram absorvidas para contestar essas práticas de adequação cega aos valores europeus. A apropriação modernista da Psicanálise ganhou outros encaminhamentos: o inconsciente e suas relações com o primitivo no psiquismo foram traduzidos poeticamente e artisticamente no homem dos afetos e dos desejos; o inconsciente freudiano foi canalizado para o lírico e o disruptivo; e a ideia psicanalítica de que a infância e a pré-história seriam pontos centrais na formação do sujeito foi transformada na apropriação da pré-história do Brasil como fonte para a constituição do brasileiro apropriado de si mesmo, sem recalcamientos históricos de suas origens ou uma hierarquização de culturas mais ou menos "civilizadas". Importante reforçar que o modernismo de 1922 imputou à Psicanálise, na filosofia nietzscheana e nas teorias marxistas, o embasamento para o giro que se propunha a estabelecer para a invenção do Brasil (Facchinetti & Ponte, 2003).

Como visto até aqui, as primeiras décadas do século XX viram a Psicanálise se prolongar como teoria nas instituições acadêmicas, de saúde e de educação. É também nas primeiras décadas que surgem a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), sociedades que possibilitariam a formação de analistas não somente pela via teórica, mas pela via preconizada pela International Psychoanalytical Association (IPA) posteriormente. Essas primeiras sociedades

obtiveram seu reconhecimento pela IPA somente após a Segunda Guerra Mundial, com a vinda de analistas didatas exilados da Europa. Com o reconhecimento institucional, a prática da psicanálise ficou centralizada nas determinações da IPA. O efeito disso foi uma concentração no eixo Rio-São Paulo e uma monopolização da Psicanálise pelos psiquiatras, especialmente nas sociedades cariocas. Alguns acontecimentos romperam com essa hegemonia produzida pela IPA: (1) a migração de psicanalistas argentinos que, durante a ditadura militar argentina nos anos 70, buscaram exílio no Brasil e, em sua chegada, questionam as práticas existentes e inseriram de forma mais ampla a psicanálise lacaniana, dando início a abertura de novas instituições "não oficiais" de formação a partir dos anos 80; e (2) a profissionalização da Psicologia, que fomentou o debate e pressionou para que as instituições passassem a admitir candidatos não-médicos (Russo, 2006).

Com o desgarramento da Psicanálise, deixando o monopólio dos psiquiatras, e com a ascensão da teoria lacaniana, a psicanálise pôde se constituir como prática leiga e descentralizada da IPA e do eixo Rio-São Paulo. A formação de associações, escolas e grupos desvinculados da IPA permitiu que a psicanálise se constituísse como um ofício separado da Medicina e da Academia (Russo, 2006).

Como apontado até aqui, a Psicanálise no Brasil sempre esteve dirigida, em certa medida, ao povo tomado como um corpo social. A ideia de que o brasileiro precisava ser reformado e que a Psicanálise teria capacidade teórica e prática para empreender essa reforma aponta que ela já teve sua entrada no país destinada a ser aplicada como política e não meramente como teoria e terapêutica. Argumento que entra em choque com o que se tinha no imaginário no início do século XX: a ideia de que o psicanalista deveria ter uma postura neutra e a-política diante da sociedade e dos pacientes - imagem muito influenciada e incentivada pela IPA (Gabarron-Garcia, 2023).

A literatura sobre a história das clínicas públicas no Brasil é escassa, mas os textos apontam que um ator muito importante na história dessas iniciativas foi Hélio Pellegrino (1924 - 1988), considerado o responsável pela popularização e democratização da Psicanálise a partir dos anos 70 no Rio de Janeiro (Castro, 2021; Pires, 1998). Um dos grandes precursores desse movimento em sua

acepção plena, Pellegrino buscou retirar a Psicanálise do pedestal elitizado no qual vinha se constituindo na história de sua institucionalização. O psicanalista debateu e trabalhou com realidades e temas deixados de canto por medo ou por pressão institucional – como a violência cotidiana no Brasil, a ditadura militar e a tortura –, bem como realizou uma reflexão crítica sobre a epistemologia, os fundamentos, os conceitos fundamentais da Psicanálise, além do incentivo a uma prática psicanalítica que visasse democratizá-la. (Castro, 2023).

Assim, a aposta no trabalho para democratizar a Psicanálise tem início quando Hélio Pellegrino e Katrin Kemper criam e passam a mediar os Encontros Psicodinâmicos, que consistiam em sessões públicas de análise de grupo. Os participantes eram majoritariamente da classe média carioca e nos encontros era comum a presença de casais preocupados com os filhos. Em seu auge, os Encontros conseguiam reunir cerca de 80 a 120 pessoas em sessões com duração de 2 horas. O encerramento do grupo se deu com a transformação dos Encontros Psicodinâmicos na primeira Clínica Social de Psicanálise do Brasil, em 1973 no Rio de Janeiro, cujo projeto de trabalho foi o de democratizar o acesso da psicoterapia psicanalítica. O projeto se destinava a atender

favelados, lixeiros, carteiros e outros profissionais que em situação normal jamais sonhariam em fazer análise [...]. Ao falar sobre ela, Hélio não perdia a chance de provocar, afirmando que o preço de cada sessão era o mesmo de um lanche no botequim da esquina. (Pires, 1998, p. 85)

É pela experiência na Clínica Social que Pellegrino questiona: a Psicanálise é elitista? Em sua reflexão, afirma que isso não diz respeito à essência da psicanálise, mas a um fato mais geral de que os benefícios da cultura são privilégios de classes médias e abastadas no capitalismo. Além disso, Pellegrino interpreta que a psicanálise vem sendo praticada de maneira a manter privilégios, o que também está presente no processo de formação nas instituições psicanalíticas. Pellegrino reafirmava a necessidade de desinstitucionalizar o processo de formação psicanalítica, analisando que a IPA

corre o risco de se tornar uma “multinacional psicanalítica”, criticando essa forma ideológica de praticar a psicanálise e interpretando que ela se distancia da forma como Freud tratava seus casos. Pellegrino reitera ainda a necessidade de realizar um trabalho de reflexão crítica na Psicanálise que diferencie o que é exigência e o que é recomendação da prática psicanalítica. É um tema que perpassa a maior parte de seus escritos e está relacionado com a imperatividade de se pensar uma Psicanálise brasileira ou minimamente nacionalmente situada.

É importante sublinhar que, em dimensões históricas, a história de Pellegrino se confunde com o movimento de retirada da Psicanálise de seu pedestal na forma em que escancarou as portas de clínicas e consultórios para pessoas que antes não poderiam pagar por um tratamento psicanalítico sem que este fosse contaminado com uma vontade de "civilizar" o "id primitivo" brasileiro. Contudo, Broide (2019) afirma que outros coletivos e grupos de psicanalistas também estavam investindo nesse movimento contra-hegemônico da Psicanálise em solo brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Destaca, sobretudo, a influência de psicanalistas argentinos que vieram exilados ao Brasil devido à ditadura militar imposta em seu país:

é aqui [em São Paulo] que começam os trabalhos da psicanálise exercida diretamente nas ruas, mais exatamente no ano de 1976, e naquilo que denominamos hoje de situações sociais críticas. Nós, na época estudantes e recém-formados, vivíamos em um clima de insurgência. Fomos para o mundo, fora do consultório particular. (p. 3)

É importante mencionar que na realidade brasileira até os dias atuais a Psicanálise pode ser encontrada nos serviços públicos de saúde porém praticada somente por psicólogos ou psiquiatras, gerando tensionamentos teóricos e práticos com as determinações de funcionamento do SUS e com as equipes multidisciplinares (Silva, 2022; Victor & Aguiar, 2011).

Independente da origem exata do movimento no Brasil, deve-se ressaltar que esse movimento de sair do consultório para adentrar o mundo, como sugerido por Broide (2019), ou de

abrir as portas do consultório para que “o mundo” entre – como no caso do contato dentro do consultório com partes da população que não tinham meios financeiros de pagar por uma análise – não foi um movimento exclusivamente brasileiro, muito menos localizado temporalmente nas épocas das ditaduras latinoamericanas. É com Freud, já no pós Primeira Guerra Mundial, que se começa a pensar os benefícios da existência de instituições que proporcionassem tratamento psicanalítico gratuito, facilitando o acesso de outras partes da população. Em 1918, ao debater sobre os rumos que a Psicanálise deveria tomar a partir dali no V Congresso Internacional de Psicanálise em Budapeste, Freud apontou inovações sobre a técnica e a atividade psicanalítica, enfatizando dimensões políticas da Psicanálise.

O discurso trouxe, primeiramente, novos apontamentos sobre a técnica psicanalítica, reflexões que Freud apresentou em formato de crítica a como a Psicanálise estava se estabelecendo como terapia e quais os caminhos que ela deveria adotar. É no final de seu discurso que Freud constrói a nova agenda da Psicanálise, defendendo sua ampliação para outras camadas da população e a gratuidade do tratamento a ser empreendido por uma instituição composta por médicos de formação psicanalítica, e reconhecendo que se a Psicanálise continuasse circunscrita somente aos atendimentos dentro dos consultórios médicos, ela correria grave risco de extinção, de enclausuramento epistemológico e de distanciamento da população. Freud (1919/2017) alerta:

pode-se prever que, em algum momento, a consciência da população acordará e a alertará para o fato de que o pobre tem o mesmo direito à assistência anímica que ele já tem agora à assistência cirúrgica, que salva vidas. E que as neuroses não são menos ameaçadoras à saúde da população que a tuberculose e que, assim como esta, não podem ser deixadas a cargo de cada pessoa do povo. (p. 201)

Após esse discurso em Budapeste, várias iniciativas foram construídas na Europa a partir dos esforços da primeira geração de psicanalistas formados por Freud e por aqueles que estavam

presentes no Congresso: em Berlim, com Eitingon e Simmel em 1920; em Viena, com Hitschmann em 1922; em Londres, com Jones em 1926; e em Budapeste, com Ferenczi em 1929. As clínicas públicas tiveram extrema importância para a Psicanálise pois, a um só tempo, ampliaram o tratamento psicanalítico, promoveram avanços criativos relacionados a inovações técnicas e colocaram os psicanalistas em articulação com representantes de Estado para que a Psicanálise pudesse contribuir de alguma maneira com a sociedade que retornava desestabilizada da Primeira Guerra Mundial (Danto, 2019).

Os psicanalistas desse momento histórico foram embalados fortemente pela articulação da Psicanálise com as teses marxistas, o tempo em que se vivia era o da ascensão de empreitadas revolucionárias a exemplo da revolução bolchevique na Rússia e o empoderamento da social-democracia na Áustria, como ficou conhecida a Viena Vermelha. Embora possa ser apontado como um movimento dissidente, a Psicanálise engajada com sua democratização, com pensamento crítico e político não se distancia do "tronco central" da história da Psicanálise, como fazem crer pelo desdém histórico a esse movimento escolas, institutos, departamentos acadêmicos e inclusive a própria IPA (Gabarron-Garcia, 2023)

No entanto, é importante notar que essas iniciativas de clínicas psicanalíticas sociais e atendimentos psicanalíticos seguiram a tendência de tratar o social enquanto uma questão de classe e não necessariamente como um sofrimento advindo do social, de forma mais ampla. Ao propor que a Psicanálise pudesse se articular com as instituições públicas para alcançar as camadas pobres da população e oferecer atendimento gratuito ou de baixo valor, Freud lança uma proposta de atendimento social embasada nas diferenças de classe social, visando a entrada de um público economicamente desfavorecido nos tratamentos psicanalíticos. Contudo, a proposta de Freud ainda preserva que, independente do público, a etiologia do sofrimento psíquico é a mesma: "os sintomas desses males (da histeria, da neurose obsessiva, etc.) são *psicogênicos*, dependem da eficácia de complexos de representação inconscientes" (Freud, 1908/2020, p. 72). Dessa forma, retira-se

novamente a responsabilidade de pensar em como mudar a repressão da sociedade para que as doenças nervosas advindas desse contato entre sujeito e civilização possam ser mitigadas.

Portanto, com as clínicas sociais a psicanálise não operaria uma reflexão sobre si enquanto clínica, permanecendo com a tendência a dar mais ênfase na ontogênese do que pensar em uma sociogênese do sofrimento psíquico, ou seja, patologias produzidas pela dinâmica social e pela forma que o sistema econômico, o Estado, a história e a política estruturam as formas de interação entre os indivíduos produzindo esses sofrimentos (Faustino, 2022). A “psicanálise social” então não opera um giro em relação ao entendimento da etiologia do sofrimento, tendendo a pensar o tratamento clínico do indivíduo sem questionar ou subverter a dinâmica social que produz esse sofrimento no sujeito (Nath, 2022). A ideia hegemônica da teoria psicanalítica de que a possibilidade de cura para os sofrimentos sociais reside dentro do paciente tem sido criticada por diversos autores dentro e fora da Psicanálise ao longo dos anos, principalmente pela implicação dessa ideia de que a Psicanálise poderia oferecer aos indivíduos a opção de se tornarem "os principais agentes em sua própria história", ou a noção de responsabilidade subjetiva. Essa visão do indivíduo soberano corrobora a problemática privatização (ou individualização) das questões sócio-políticas, assim como as maneiras pelas quais as práticas psicanalíticas bem-intencionadas são uma extensão das visões políticas implícitas e demonstram o quão confortável se está com os regimes vigentes (Guralnik, 2016). Tendo realizado uma aproximação sobre a entrada da Psicanálise no Brasil e sua saída para as ruas, neste capítulo visei destacar como a Psicanálise pode tomar caminhos tortuosos e pouco críticos quando é considerada simplesmente uma ferramenta teórico-explicativa, neutra, a-histórica, psicologizante e apolítica. Através do eixo histórico como fio condutor, neste capítulo também abordei a prática da psicanálise fora do consultório ou com “o mundo” no divã. Apesar de suas muitas vantagens, é possível perceber que a abertura proposta por esses espaços, quando se baseia simplesmente nas diferenças de classe como fator explicativo para as diferenças econômicas que desfavorecem o acesso a tratamentos, sejam médicos ou psicanalíticos, arrisca fechar a porta e os ouvidos para um

entendimento da sociogênese do sofrimento. Embora busque se distanciar do elitismo, arrisca, assim, criar um novo tipo de elitismo a partir da prática de um paternalismo benevolente.

Então, considerando as reflexões realizadas sobre a constituição sócio-histórica do trabalho do psicanalista no Brasil e do movimento psicanalítico fora do consultório, no capítulo seguinte proponho investigar quais trabalhos se passam na dinâmica de tratamento psicanalítico entre analisando e analista para que posteriormente seja possível discutir a experiência analítica realizada fora do consultório.

## Capítulo 2. E psicanalista trabalha?

*Para que vocês, psicanalistas, possam conhecer a espessura profunda do inconsciente, é preciso retomar o pensamento primitivo, poético, inaugural.*

*Para tanto, nada melhor do que umas longas e frequentes caminhadas pelo Jardim Botânico.*

*As árvores nos ensinam a esquecida paciência.*

*E nos fazem íntimos da terra: matriz, matéria, carnadura do mundo, da qual somos feitos.*

*(Hélio Pellegrino, A Burrice do Demônio)*

Nesta dissertação, onde exploro o trabalho do psicanalista fora do consultório privado – mais especificamente em uma Organização Não-Governamental (ONG) – algumas reflexões serão fundamentais para estabelecer o referencial teórico: o psicanalista e a psicanálise sobrevivem fora da lógica convencional de tratamento – individual, em um consultório privado? É possível para o psicanalista entregar o que, para Lacan (1969/1992) se espera dele, a saber, uma análise? Se sim, como? Essas são questões que nos levam a formular a questão central deste capítulo: afinal, qual é o trabalho do psicanalista?

Como já foi discutido, a Psicanálise não entra no Brasil como uma profissão, um ofício, ou uma ocupação, mas como uma teoria subsidiária da Psiquiatria. O que implica que o acesso à Psicanálise por parte da população somente poderia ocorrer, em grande medida, nos consultórios médicos. Local privilegiado, que historicamente só quem poderia frequentar eram as pessoas com um alto poder aquisitivo. Ou seja, para a população pobre a Psicanálise era utilizada a fim de um certo tipo de adestramento, de adequação a um modo "desejável" de se viver e de se desenvolver. Para as classes mais altas, ou europeias, a Psicanálise seria utilizada como um tratamento.

O fazer analítico sempre esteve e sempre estará em pauta nas discussões psicanalíticas – seja tomando a forma de questionamentos sobre a técnica, sobre o dispositivo analítico, sobre a direção do tratamento, sobre os lugares do analista. Sendo a psicanálise uma *práxis*, ela se constitui na

medida em que se articula um método de investigação, uma teoria do psíquico e uma prática terapêutica (Hoffman, 2007), cada elemento exercendo influência sobre o outro em um movimento dialético. Dunker (2021) argumenta que a clínica psicanalítica apresenta todos os elementos que estruturam a clínica clássica visto que a Psicanálise conta com uma semiologia própria, um processo de diagnóstico próprio, uma etiologia própria e uma terapêutica própria. A subversão que Freud empreendeu foi o corte passando da clínica médica pautada no olhar sobre o corpo do doente para uma clínica pautada na escuta dos significantes que compõem a vida simbólica do sujeito. Portanto, há um fazer psicanalítico, um trabalho analítico – contudo, isso necessariamente implica que o psicanalista seja um trabalhador, no sentido marxista do termo?

Ana Magnólia Mendes (2022) em seu trabalho *As galinhas que lutem! O trabalho na Clínica Lacaniana* argumenta que o significativo trabalho na clínica psicanalítica pode ser vinculado ao conceito de Marx sobre trabalho, tanto na perspectiva do paciente em relação ao seu elaborar, quanto na perspectiva do analista no seu trabalho de escuta pois a escuta é um trabalho que produz transformação, transformação a partir do fazer. A autora também aponta para uma importante reflexão do fazer analítico quando problematiza a situação de um analista que, em face da demanda do analisando que chega em seu consultório pedindo que seu problema seja resolvido, ficará pensando em como atender à demanda, em como retornar o resultado suplicado pelo analisando. O analista "estará na mesma lógica da racionalidade econômica do capitalismo, do taylorismo e do trabalho morto" (Mendes, 2022, p. 157). Essa problematização indica que o trabalho do analista não produz mercadorias, ou seja, o psicanalista não se insere na dinâmica do capital por ofertar um produto ou uma mercadoria, o analista trabalha convidando o analisando a trabalhar vivamente em sua própria análise, como veremos mais à frente.

Em seu artigo *A psicanálise é um trabalho? Uma profissão impossível e o conceito marxista de trabalho*, Tupinambá (2014) inicia o texto de forma bastante contundente afirmando que o psicanalista trabalha, o que significa que "tanto o psiquiatra, quanto o psicólogo, quanto o psicanalista, são pagos para realizar uma certa atividade cujos respectivos produtos interessam a um

terceiro" (p. 28). Ou seja, segundo o autor, o trabalho se caracterizaria por uma atividade na qual os seus frutos teriam alguma utilidade, direta ou indireta, para alguém. O trabalho poderia ser definido de forma mais ampla e complexa – não somente pela forma como se insere nas relações sociais pela via da utilidade – mas é exatamente neste ponto que a Psicanálise se comporta de maneira diferente. Por exemplo, um paciente procura os serviços de um psiquiatra ou um psicólogo pois percebe que pode se beneficiar de algo que esses profissionais podem oferecer, a saber, algo relacionado ao campo da saúde mental. Porém, no caso da Psicanálise, o fenômeno se desenrola de uma maneira diferente: o paciente pode até buscar o psicanalista para o tratamento de questões relativas à sua saúde mental, mas o que o psicanalista oferece a este que o procura? Aqui o autor retoma as noções de trabalho concreto e trabalho abstrato desenvolvidas por Marx, afirmando que o trabalho concreto do psicanalista é justamente suspender todas as determinações de seu trabalho concreto (ou as determinações qualitativas deste trabalho), o que implica dizer que o psicanalista não presta um serviço, não atende a demandas, não entrega uma mercadoria a quem o procura. Ao suspender o trabalho concreto, o psicanalista deixa em evidência o trabalho abstrato. Isso quer dizer que, na situação analítica, há a sensação de estar ocorrendo um trabalho, um trabalho com forma indistinta, como pensou Marx. Tupinambá (2014) argumenta que o

trabalho específico e concreto [do psicanalista] é se reduzir à marca do trabalho indistinto, como se fornecesse somente o aval de que há trabalho – no sentido estrito de trabalho concreto – na elaboração do analisando, oferecendo a chance de que este produza ele mesmo a utilidade do seu sintoma. (p. 38)

Aqui é importante marcar que talvez o analisante não produza uma utilidade para o seu sintoma, mas talvez se aproxime da utilidade que o sintoma tenha dentro de seu arranjo simbólico.

Portanto, o que se opera é uma inversão: quando se procura uma análise, supõe-se que a utilidade do trabalho do psicanalista seria eliminar o sintoma que coloca o sujeito em alguma

"posição de inutilidade" frente à sociedade, mas, em um segundo momento, perde-se o sentido de eliminar esse sintoma na mesma medida em que o sujeito começa a se indagar quanto ao uso que o sintoma tem em sua vida/história. Nesse momento, o próprio sujeito passa a elaborar, isto é, a trabalhar (Tupinambá, 2014).

Retirado o analisando da posição de cliente, faz-se importante introduzir uma contribuição sobre o trabalho do analista e do analisando. Mendes (2018), a partir da escuta de trabalhadores em sofrimento, elabora sobre os diferentes trabalhos existentes na dinâmica do tratamento analítico. A autora dedica alguns capítulos para discriminar os trabalhos realizados pelo analisando e os trabalhos realizados pelo analista e argumenta que:

Trabalho e sujeito como categorias indissociáveis implicando reconhecer a produção de saber como um trabalho, no caso, o trabalho do inconsciente, o qual constitui o sujeito na cadeia de significante [...] Assim, trabalhar é insistir no desejo. Desejo que permanece sendo ou não realizado, que é sempre um risco, uma aposta sem garantias e sem destino certo. O clínico trabalha para que o sujeito trabalhe. Por meio de um percurso entre o nomear, elaborar e perlaborar busca-se reconstruir a cena traumática vivida no contexto do trabalho capitalista que se mistura com os traumas infantis, juvenis e atuais. (Mendes, 2018, p. 71)

Portanto, o analista trabalha com o desejo, permitindo que o analisando fale e coloque em movimento sua cadeia significante. O trabalho do analista e do analisando não são indissociáveis, uma vez que um só acontece com a presença do outro. A autora define essa relação como um "dueto onde a improvisação no trabalho clínico possibilita a produção de saber" (Mendes, 2018, p. 70). A separação artificial entre trabalho do analista e trabalho do analisando serve apenas para facilitar a análise do que ocorre na dinâmica do tratamento analítico e possibilitar reflexões sobre esses tipos de trabalho.

Seguindo na via do trabalho do psicanalista, em seu discurso de Budapeste, Freud (1919/2017) fez proposições e reflexões sobre o trabalho clínico defendendo que a psicanálise seria um método de análise, palavra que significa desmembramento e decomposição, afastando as resistências dos pacientes para que estes pudessem ter uma melhor compreensão do seu funcionamento psíquico. Freud, ao usar o termo análise, faz analogia ao trabalho do químico, que separa os compostos a partir de métodos específicos para isso. O ponto em que Freud queria chegar com essa analogia é que, ao desmembramos algo, os compostos livres deveriam ser reagrupados pelo processo de uma síntese, dando forma a um outro composto. Dessa maneira, ao transpormos a reflexão para a seara psicanalítica, poderia-se pensar que quando um analista decompõe e desmembra o funcionamento psíquico de um paciente, o que se esperaria do analista seria a recomposição desses elementos de uma melhor forma para o paciente. Entretanto Freud esclarece que esse talvez não seja o trabalho do analista, isso porque o trabalho de recomposição dos elementos psíquicos é automático para o analisando, ou seja, há um trabalho de síntese elaborativa por parte do analisando: "Assim a psicossíntese se dá no analisando sem a nossa intervenção, de forma automática e inescapável" (Freud, 1919/2017, p. 194). Freud intuiu, de forma inicial, que a atividade do analista, enquanto o tratamento durasse, seria a de "manter uma falta". Intuição que Lacan leva muito a sério, tanto que é a partir dele que se tem a noção de que o analista não atende a uma demanda desavisadamente.

É importante lembrar que o trabalho do psicanalista é também composto por uma série de dispositivos e saberes - a interpretação, a escansão, a construção do texto clínico, o manejo da transferência - mas é precisamente no ponto em que ele frustra um certo tipo de demanda que o psicanalista produz um curto-circuito no modo de funcionamento fetichista da sociedade capitalista (não necessariamente se excluindo desta). É um trabalhador que é pago, mas que um dos componentes do trabalho dele é a frustração da contrapartida de uma mercadoria, fazendo com que o próprio "contratante" precise trabalhar para se aproximar do que pede ou para entender que o que pede nunca será plenamente satisfeito. É importante demarcar que o psicanalista trabalha para não

cair ingenuamente na ideia de que somente o analisando trabalha na situação analítica. O psicanalista trabalha, mas trabalha no discurso do analisante (Furtado, 2008), tanto no discurso composto por falas enunciadas durante as sessões e que compõem as redes significantes, quanto trabalha no discurso entendido como laço social posteriormente teorizado por Lacan (1969/1992). O trabalho do analista é um convite ao trabalho vivo do analisando, ao trabalho do desejo, do desejo que o outro deseja (Mendes, 2022).

Com essa breve análise foi possível localizar e entender como o analista se posiciona a partir da peculiaridade do seu trabalho dentro da dinâmica fetichista do capital, o que abre espaço para refletir sobre outro campo no qual o analista causa certo mal-estar em caracterizá-lo: a seara profissional.

Tendo como panorama o que foi discutido no tópico anterior, é possível identificar que a Psicanálise teve sua entrada no Brasil primeiramente como um sistema de saber que possibilitaria e sustentaria teoricamente a atuação dos psiquiatras brasileiros. A Psicanálise não teve sua entrada propriamente com psicanalistas formados em instituições reconhecidas, mas como uma disciplina acadêmica que comporia a prática psiquiátrica, serviria de base explicativa para as doenças nervosas da época, para o funcionamento social e (curiosamente) indicaria respostas sobre o porquê do atraso brasileiro frente às nações europeias. Assim, a partir das explicações dos textos freudianos, os psiquiatras poderiam propor tratamentos e prescrições para os doentes e para a sociedade. Este tipo de entrada não caracteriza propriamente a Psicanálise como uma profissão ou ocupação, uma vez que seu estatuto era o de mais uma disciplina auxiliar na prática psiquiátrica.

É preciso elucidar que até os dias de hoje a Psicanálise não é legalmente reconhecida como uma profissão no Brasil, mas como uma ocupação ou ofício, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (2002). Então as profissões são caracterizadas somente pelo componente do reconhecimento do Estado?

Segundo a Sociologia das Profissões, a caracterização de uma profissão reúne aspectos para além do simples reconhecimento estatal. Em seu artigo *Contributos da Sociologia para a*

*compreensão dos processos de profissionalização*, Almeida (2010) resume o desenvolvimento desse campo e aponta a existência de três correntes teórico-metodológicas que se organizam em três enfoques epistemológicos distintos que buscam enriquecer o entendimento sobre a origem das profissões e como elas se comportam na sociedade atual. As correntes são: correntes funcionalistas, as interacionistas e as neo-weberianas.

Os funcionalistas, fortemente influenciados por Durkheim, deram início ao campo de estudos sobre as profissões, mais especificamente as “verdadeiras” profissões que, segundo eles, seriam a dos advogados e dos médicos (Almeida, 2010). Eles centravam-se em torno dos elementos que possibilitariam distinguir as profissões do grupo das ocupações. Segundo essa corrente, uma profissão surge quando um número de pessoas começa a pôr em prática uma técnica baseada em uma formação especializada, dando respostas às necessidades da sociedade. Os teóricos funcionalistas também desenvolveram uma tipologia dos requisitos necessários para a existência de uma verdadeira profissão. Para Carr-Saunders e Wilson (citado em Almeida, 2010) uma profissão se caracteriza por

uma especialização de serviços, permitindo a crescente satisfação de uma clientela; a criação de associações profissionais obtendo para os seus membros proteção exclusiva; o estabelecimento de uma formação específica fundadas sobre um corpo sistemático de teorias, permitindo a aquisição de uma cultura profissional". (Almeida, 2010, p. 118)

Para Parson, a profissão é caracterizada por uma dupla competência, que seria a articulação entre o saber prático adquirido na experiência ou na ciência aplicada com o saber teórico adquirido por meio de uma formação longa e sancionada (Almeida, 2010). Não somente esses elementos são considerados para avaliar se uma ocupação é uma profissão, mas Parson também sublinha a importância da legitimidade social, que seria garantida pelas universidades. Outro importante teórico funcionalista é Goode, que analisa as profissões como comunidades nas quais os membros

compartilham identidade, valores, vocabulário e linguagem próprios e um estatuto capaz de organizar a vida dos membros, como a seleção e admissão de novos profissionais e a formação necessária para constituir o grupo (Rodrigues, 1997). Na corrente funcionalista o que fica marcado é a questão da legitimidade da existência de uma profissão.

Os teóricos da corrente interacionista procuraram colocar a investigação sobre as profissões no campo da análise sociológica da divisão do trabalho, realizando uma ruptura com os funcionalistas principalmente por defenderem que todas as ocupações poderiam se transformar em profissões, desde que as circunstâncias permitissem isso (Almeida, 2010). O sociólogo Everett Hughes foi um expoente interacionista e contribuiu com os estudos das profissões com as noções de licença e mandato, porém o grande giro proporcionado pelo seu trabalho foi o de estudar as profissões se afastando de critérios estruturais e universais de diferenciação entre ocupação e profissão, dando mais importância ao contexto em que as profissões se desenvolvem. Para o interacionismo, então, é mais importante compreender o percurso sócio-histórico de um grupo profissional, sem generalizar achados empíricos de uma profissão para o grupo total de profissões. Outros princípios do interacionismo devem ser mencionados, tais como a interação entre membros para se auto-organizarem, a ideia de que a vida profissional é um processo biográfico de construção de identidade e a procura dos grupos profissionais por reconhecimento entre os pares e proteção legal (Almeida, 2010; Nóvoa, 1987).

A corrente neo-weberiana teve como ponto de partida a influência da concepção weberiana, que enfatiza a racionalidade econômica na ação humana. Segundo essa perspectiva, as profissões são vistas como grupos de competidores que buscam maximizar suas posições sociais através da formação de monopólios, controlando assim o acesso às oportunidades econômicas e sociais em um determinado domínio. Sob essa nova perspectiva, as profissões são vistas como grupos específicos de trabalhadores, em sua maioria pertencentes às classes médias, que compartilham crenças comuns e se envolvem em ações coletivas, visando estabelecer um monopólio sobre o mercado com o objetivo de melhorar seu estatuto social (Almeida, 2010). O estudo das profissões, que anteriormente

abarcava a ideia de legitimidade social com os funcionalistas e as interações de negociações e conflito dos interacionistas, com os neo-weberianos incorpora uma nova dimensão: o poder.

Autores como Freidson, Larson e Abbott têm desempenhado papéis fundamentais nessa ampliação do escopo de pesquisa. Freidson (1994), por exemplo, identifica três grandes fontes de poder profissional: expertise, autonomia e credencialismo. Ademais, argumenta que a profissionalização é um processo no qual uma ocupação (formal ou não) obtém o direito exclusivo de realizar um determinado trabalho, obtém o controle sobre a formação dos profissionais, bem como o direito de determinar e avaliar a forma como o trabalho é posto em prática. Larson (1979), por sua vez, destaca o conceito de projeto profissional enfatizando a busca por status e controle por parte dos grupos profissionais e associa as profissões a um interesse de mobilidade social, aspecto inerente à forma como a sociedade capitalista produz classes hierarquicamente diferentes.

Por fim, Abbott (1992) centra sua reflexão na análise dos mecanismos de concorrência entre os grupos profissionais pelo monopólio jurisdicional de uma determinada competência. Ele argumenta que as profissões estão constantemente em disputa por reconhecimento e exclusividade das atividades que se propõem a exercer e essa competição é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo mudanças na natureza do trabalho, diferenciações internas nos grupos profissionais e mudanças externas no contexto social e tecnológico. Abbott (1992) também versa sobre os mecanismos de reivindicação de jurisdição, através dos quais uma profissão clama à sociedade que reconheça a sua estrutura através do direito de exclusividade sobre aquela atividade. Essa reivindicação pode ser feita em diferentes meios: no sistema de leis que atribui o controle formal sobre o trabalho, na opinião pública através da qual as profissões procuram pressionar o poder político, ou no local de trabalho que pode contribuir para a erosão das normas legais e das representações junto da opinião pública (Abbott, 1992; Almeida, 2010; Friedson, 1994; Larson, 1979; Rodrigues, 1997).

Portanto, reunindo os elementos estruturais que cada corrente atribui ao processo de profissionalização, temos as seguintes coordenadas para identificar um coletivo de trabalhadores

como profissionais: pessoas que possuem práticas comuns baseadas em uma formação especializada; legitimidade conferida ao trabalhador seja pelos pares ou pelo Estado; comunidades nas quais os membros compartilham identidade, valores, vocabulário e linguagem próprios e um estatuto capaz de organizar a vida dos membros; controle sobre a seleção e admissão de novos profissionais e a formação necessária à participação no grupo; interação entre membros para se auto-organizarem; processo biográfico de construção de identidade em relação ao trabalho; reconhecimento entre os pares e proteção legal; exercício de poder por meio de estratégias reivindicatórias para garantia de que o trabalho seja exclusivo do grupo profissional, bem como a proteção para que outros grupos profissionais não se apropriem totalmente da atividade em questão.

Tomando como norte os elementos acima estudados pela Sociologia das Profissões, seria possível argumentar que a Psicanálise poderia ser considerada uma profissão e o psicanalista um profissional pela congruência com vários dos aspectos que uma profissão apresenta.

Freud despendeu um grande esforço argumentativo para delimitar o trabalho de um psicanalista, diferenciando-o da atividade de outras profissões (*Berufe*) principalmente no que concerne à formação. Em seu texto sobre *A questão da análise leiga*, de 1926, Freud debate seriamente sobre a formação do psicanalista e o que o autoriza a atuar como tal. Em seu debate, o autor escancara a peculiaridade da profissão (*Beruf*) psicanalítica, tanto pela formação quanto pelo trabalho concreto. A formação em Psicanálise perpassa necessariamente a análise pessoal do candidato a analista, o estudo da teoria em uma instituição e a supervisão com analistas mais experientes, demonstrando como o estudo teórico e a prática clínica se afetam mutuamente e como a inserção do candidato a psicanalista em uma comunidade de analistas já reconhecidos é fundamental (Freud, 1926/2017). No texto intitulado *A análise finita e a infinita*, Freud (1937/2017) argumenta que não deve-se esperar uma formação completa de um analista para que este possa começar a atuar como tal. O candidato a analista deve se submeter obrigatoriamente ao processo de uma análise pessoal e esta nunca será completa. Neste texto, o autor reflete sobre a finitude de uma análise, observando em que medida um processo analítico pode ser "completo". Afinal, a partir de

qual momento poderia o analista concluir que o analisante estaria definitivamente "analisado"? Transpondo esse questionamento para a formação do analista, pode-se afirmar então que a formação estaria sempre em continuidade, de modo que o reconhecimento de um analista se daria entre pares, entre a comunidade de analistas e não pela obtenção de um certificado. O autor se inclina à recusa de regulamentações e proibições estatais sobre o fazer analítico, alertando que caso estas pesem demasiadamente sobre a Psicanálise, há o risco de o desenvolvimento das possibilidades internas da Psicanálise não serem atingidas. Dessa forma, fica demonstrado que a formação psicanalítica não depende da chancela do Estado, mas se apoia em uma comunidade de analistas que se reconheçam como tal.

Lacan preocupou-se bastante com a atuação dos psicanalistas em seu tempo. Crítico voraz da *ego psychology*, Lacan dedicou grande parte de seus estudos e seminários a refletir sobre a própria *práxis* psicanalítica e como esta estava sendo deturpada tal como pensou Freud. A partir disso, Lacan passa a refletir como a formação dos psicanalistas pode ser teorizada e praticada para além da dicotomia sobre a infinitude e a finitude de uma análise. Para isso, pensou em uma Escola onde a formação dos psicanalistas pudesse ser realizada de forma coerente com as bases teóricas desenvolvidas por ele e que a instituição pudesse funcionar minimizando os efeitos de grupo que podem ser nocivos para a formação de um psicanalista. Lacan funda a Escola Francesa de Psicanálise em 1964 e escreve:

Esse título em minha intenção representa o organismo em que deve realizar-se um trabalho - que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduz a *práxis* original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. [...] Este objetivo de trabalho é indissociável de uma formação a ser dispensada nesse movimento de reconquista. (Lacan, 1964/1985, p. 235)

Lacan define o funcionamento da Escola em grupos de pesquisa chamados carteis nos quais não haveria uma relação hierárquica entre os membros, em uma lógica circular onde os membros ocupariam cargos distintos de tempos em tempos. A adesão à Escola era feita pela entrada em um desses grupos, e quem realizava a admissão de um candidato era o próprio Lacan - pelo menos nos primeiros anos.

Posteriormente, em 1967, Lacan escreve a *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* em que busca tratar de estruturas asseguradas na psicanálise e garantir sua efetivação no analista, texto onde também deixa clara a noção de que "o psicanalista só se autoriza de si mesmo" (Lacan, 1967/2003, p. 248) como um *gradus*, um passo que o sujeito dá na direção de se formar como analista, um passo necessário em uma mudança de posição. Nessa proposição, Lacan evidencia que esse passo o analista deverá saber produzi-lo, e isso qualifica o ato do analista. Esse passo se produz a partir da autorização de si mesmo, com a Escola a garantir sua formação. Ou seja, o analista se autoriza de si, mas não sem alguns outros, como ele acrescenta em 1974 (Guarreschi, 2018).

Fica evidente a preocupação de Freud e de Lacan em pensar o trabalho do psicanalista em sua efetivação teórica e clínica, em sua formação especializada e no reconhecimento desse trabalho enquanto uma categoria distinta de outras profissões - inclusive, no caso do Lacan, uma Psicanálise distinta da própria Psicanálise em curso no seu tempo. Esse exercício de reflexão e de poder por parte dos pensadores sobre o próprio campo de trabalho remete ao que foi previamente discutido sobre os fenômenos existentes no campo das formações das profissões.

É importante ter sobre a mesa as diferenças entre trabalho e profissão, pois ter acesso a essas diferenças auxilia na testagem dos limites conceituais de uma ou de outra e possibilita adotar uma postura crítica sobre as raízes históricas de como essas duas dimensões se constituíram, se constituem e se influenciam no caso da Psicanálise.

Retomando o objetivo da presente pesquisa: o que se questiona é justamente qual o trabalho do psicanalista em uma instituição, situação em que se afastam os elementos convencionais de como o trabalho foi constituído e de como pode ser efetivado e afloram questões identificatórias do psicanalista perante a sociedade, no sentido das expectativas em relação ao seu trabalho, aspecto intimamente vinculado ao campo da profissão.

### **Capítulo 3. Autoetnografia**

*Pois quando tento captar este eu no qual me asseguro,  
quando tento defini-lo e resumi-lo,  
ele é apenas água que escorre entre meus dedos.  
(Albert Camus, O mito de Sísifo)*

Como apresentado previamente na introdução, a segunda parte da presente dissertação é dedicada ao relato do trabalho em campo, bem como as articulações teóricas possíveis com os dados coletados. Após percorrer pontos históricos e conceituais importantes sobre a constituição do trabalho do psicanalista e como esse trabalho pode se dar de distintas maneiras e em distintos locais, aqui apresento, em forma de autoetnografia, o relato de um trabalho psicanalítico fora do *setting* tradicional. Os dados consistem em relatos feitos a partir de observações e da minha atuação em uma ONG, local onde atuei juntamente com outros quatro psicanalistas formando uma equipe que compunha o projeto de escuta psicanalítica.

Foi escolhida a autoetnografia como norte metodológico, com o objetivo de investigar empiricamente a forma do trabalho do psicanalista fora do consultório. Primeiramente, é importante salientar que a etnografia não é apenas um método de pesquisa, mas sim uma teoria vivida, um trabalho vivo. O etnógrafo não repete simplesmente o que ouviu e presenciou em campo. Quem trabalha com a etnografia precisa interpretar, traduzir e elaborar o diálogo que se deu na pesquisa de campo; o pesquisador precisa transformar a fala, a experiência, as observações e interações em texto

referencial. É preciso colocar em palavras, frases, parágrafos o que foi observado como ação em campo. Não há receitas preestabelecidas de como fazer uma etnografia, por isso é denominada uma teoria vivida e não um método rígido (Peirano, 2008).

Na via da etnografia, a autoetnografia tem como proposta descrever e analisar a experiência pessoal do pesquisador a fim de compreender a experiência cultural (Santos, 2017). Assim, o pesquisador que empreende uma autoetnografia utiliza princípios da autobiografia e da etnografia para produzir seu texto. Ellis (2004) explica que a autoetnografia é em parte auto (self) e em parte etno (cultural), mas também não se reduz apenas a essas duas dimensões, como demonstra a Figura 1 abaixo. Segundo a autora, a autoetnografia se produz no processo, é um produto do fazer em si, um texto que narra uma história a partir da perspectiva do narrador.

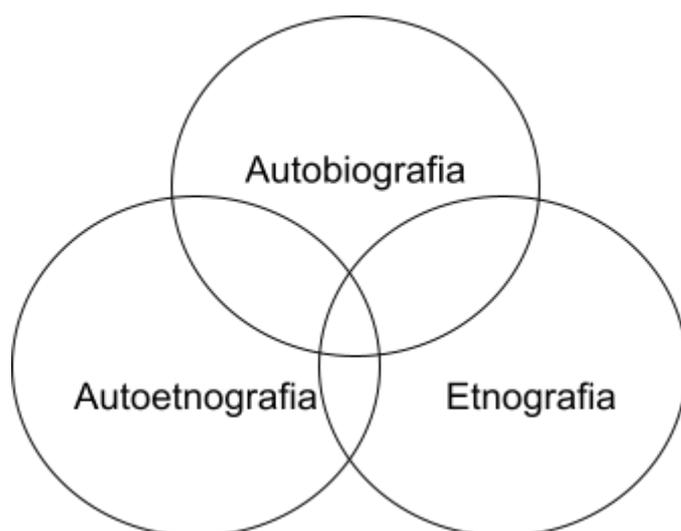


Fig. 1

Ainda segundo Ellis (2004), a autoetnografia é um processo de pesquisa e escrita que aborda a relação pessoal do pesquisador com a cultura, é um gênero autobiográfico que exhibe múltiplas camadas de percepções.

O processo de pesquisa da autoetnografia é bastante similar aos processos etnográficos: o pesquisador vai a campo, coleta os dados, analisa e interpreta os dados coletados e produz um manuscrito referente ao processo. A coleta de dados envolve observação participativa, entrevistas formais e informais, estudos documentais, lembrança do período em campo, etc. A análise dos

dados compreende a identificação e interpretação das dinâmicas sociais/culturais de determinado grupo, com o adendo de que na autoetnografia o pesquisador também se torna objeto de observação e análise (Chang, 2008). Geralmente os textos autoetnográficos são escritos em primeira pessoa e revelam a articulação do sujeito com seus pares, com as instituições, com a história e com as estruturas sociais.

A escolha por tal caminho se deu porque a autoetnografia permite a utilização e o aparecimento da experiência pessoal do pesquisador para descrever e analisar as dinâmicas culturais que compõem o objeto de pesquisa, e por visar uma profunda e cuidadosa autorreflexão, permitindo interrogar as interseções e articulações entre o pessoal e o político, o sujeito e o social (Santos, 2017). Outro aspecto importante da escolha pela autoetnografia é a pertença do pesquisador à cultura que se pretendeu estudar, tornando o estranhamento etnográfico um pouco mais complexo: "Neste contexto o pesquisador assume o papel do outro, tornando-se ele mesmo o exótico e não mais a comunidade que estuda" (Mota, 2015).

Nos termos da presente dissertação, o psicanalista fora do consultório atuando em uma instituição é estranhado e seu trabalho e suas interações com o contexto de trabalho passam a ser observados, estudados e articulados com a história da constituição desse trabalho em solo brasileiro.

O trabalho de campo teve duração de 9 meses, com início no dia 16 de fevereiro de 2023 e estendendo-se até o dia 8 de novembro de 2023. Os dados registrados representam diálogos, percepções e reflexões produzidas com base nas experiências vividas na instituição e dos atendimentos individuais realizados com as artesãs assistidas por esta. Realizei as anotações do diário de campo diretamente em meu computador preferencialmente sempre que retornava da instituição. Caso não fosse possível anotar logo em seguida, tentava escrever o relato no máximo em até três dias. O diário de campo consistia em observações das minhas interações com as artesãs e com a instituição, observando principalmente as manifestações do meu trabalho enquanto passava o dia em campo (aproximadamente 7h), sendo que sentimentos pessoais advindos da experiência acabaram não sendo registrados imediatamente na tentativa de que o relato não se perdesse em minha

memória, uma vez que os dias na instituição eram repletos de acontecimentos complexos que eu julgava serem importantes.

A etnografia requer considerações éticas relacionadas ao consentimento dos participantes e da população envolvidos no trabalho de campo. Entretanto, uma vez que a autoetnografia é um processo de autoexploração e questões dirigidas a si (Adams, Jones & Ellis, 2022), o verdadeiro participante da pesquisa autoetnográfica é o próprio pesquisador (Ellis & Bochner, 2000). Portanto, esta autoetnografia envolve minhas reflexões sobre meu trabalho e minhas experiências. Ainda que o foco do trabalho autoetnográfico seja o pesquisador, a ética relacional é uma área que deve ser considerada entre os autoetnógrafos. A ética relacional é importante porque, no processo de escrever sobre nós mesmos e nossas experiências, também escrevemos sobre os outros que compuseram a jornada autoetnográfica (Ellis, 2007). Para garantir a ética e a confidencialidade nesta pesquisa, as personagens foram referenciadas a partir da função que exerciam na instituição. Ao anonimizar os personagens desta autoetnografia, estou consciente das responsabilidades relacionais com as pessoas envolvidas na pesquisa e também deixei anônima a própria instituição para que as personagens não sejam reconhecidas.

O longo período em campo me proporcionou uma vasta e extensa experiência, tendo como produto uma grande quantidade de anotações e dados. Dessas anotações, três momentos/processos foram importantes no sentido de demonstrar a peculiaridade do trabalho da psicanálise e na psicanálise fora do consultório: (1) a entrada em campo, observando os desafios e realizando questionamentos sobre o trabalho, as dificuldades encontradas e as demandas indefinidas; (2) como foi possível estruturar algum tipo de trabalho de análise nessa instituição com as alunas/artesãs a partir de seu funcionamento; e (3) o instante em que a instituição passa a compor as variáveis do trabalho, interferindo no trabalho dos analistas bem como aparecendo nas falas das alunas/artesãs. Este último momento marca um certo tipo de corte e desmobilização do trabalho de análise desembocando em seu encerramento. Momento que permite levantar uma outra questão a ser

respondida em trabalhos futuros: como tornar possível o trabalho do analista mesmo com a interferência institucional?

Antes de adentrar esses três momentos, é preciso caracterizar e explicar os elementos que compuseram o contexto etnográfico.

### **3.1 Elementos do contexto etnográfico**

#### ***A instituição e seu funcionamento***

A instituição é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) fundada em 2003 e que atende o público feminino em situação de vulnerabilidade por meio de aulas gratuitas de artesanato. Segundo o site institucional da organização, as aulas de artesanato oferecidas têm o intuito de que as mulheres assistidas possam desenvolver meios de complementação da renda, possibilitando melhores condições de vida para a família por meio da venda do artesanato produzido em aula e posteriormente de forma autônoma. No site da instituição é descrita uma dinâmica em que, uma vez que as alunas ganham experiência e expertise na produção artesanal, o trabalho delas é remunerado pela instituição de modo que os artesanatos são comprados pela própria instituição para revenda em outros lugares. Nota-se, então, um pequeno jogo de trocas no interior daquele sistema, onde a venda e compra, de certa forma, é garantida e prometida.

Fisicamente o espaço era grande, operando a instituição em um prédio com alguns andares, salas amplas, banheiros, elevador e um grande salão no térreo onde ocorriam as aulas de artesanato, equipado com mesas e assentos em formato de roda para tornar as aulas mais interativas e para que as mulheres pudessem se agrupar e trabalhar em conjunto.

Na época em que iniciei meu trabalho de campo (2023), a instituição contava com vinte e dois trabalhadores contratados, divididos em seus respectivos cargos: educadores sociais, assistentes sociais, psicólogos, coordenadores, pedagogos, auxiliares de serviços gerais e auxiliares operacionais. Com a entrada dos psicanalistas, ficamos em vinte e seis trabalhadores.

A instituição funcionava a partir de uma hierarquia bem definida: a diretora, que também era a fundadora, centralizava as decisões, os direcionamentos, o gerenciamento e a imagem da instituição para si. Ela era a responsável por estabelecer parcerias com instituições privadas e públicas com o intuito de que a instituição pudesse continuar suas atividades. A diretora quase não ficava nas dependências da instituição por ter uma agenda preenchida de compromissos com representantes públicos e representantes de entidades privadas. Abaixo dela na hierarquia havia uma coordenadora que também era responsável por tomar algumas decisões, pensar em estratégias de gerenciamento e ela estava mais presente no dia-a-dia da instituição, de modo que assuntos urgentes, demandas diárias e corriqueiras eram tratadas com ela na maioria das vezes. Abaixo da coordenadora ficavam os trabalhadores e, curiosamente, após o período em campo, pôde-se observar que as alunas/artesãs transformavam-se em trabalhadoras e ocupavam o local mais baixo da hierarquia, tendo sua força de trabalho explorada da maneira mais precária.

#### ***Alunas, professoras de artesanato e "boas artesãs"***

As mulheres assistidas pela instituição e matriculadas nos cursos eram selecionadas pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) da região em que está localizada a instituição. Como a instituição é bem conhecida na região, o CRAS confecciona uma lista de mulheres que poderiam se beneficiar dos projetos ofertados naquele local. Assim, as mulheres que são matriculadas nas aulas de artesanato são, em sua maioria, negras, de baixa renda e com idades entre 40 e 70 anos. As alunas matriculadas também costumavam ser as responsáveis em garantir sustento para a família.

Uma vez selecionadas as mulheres são divididas em dois grupos: um grupo para aprender um tipo de artesanato que ocorria todas as segundas e quartas-feiras, e outro grupo para aprender outro tipo de artesanato que se reunia todas as terças e quintas-feiras.

O grupo que acompanhei durante meu período em campo era composto por aproximadamente 25 mulheres. Digo aproximadamente devido ao fluxo de entrada e saída de mulheres no decorrer dos nove meses de trabalho. Algumas vezes os grupos ficavam mais cheios em

consequência dos encaminhamentos realizados pelo CRAS e outras vezes mais vazios devido a desistências por motivos variados. O fluxo também dependia da dinâmica institucional de produção de artesanato, demanda que ocorria principalmente pelas parcerias estabelecidas entre a instituição e empresas privadas.

Uma vez que a seleção do CRAS era realizada tendo como prioridade pessoas com rendas menores, havia uma diferença entre as mulheres em seus saberes e práticas relativos ao artesanato. Dentre essas 25 mulheres, algumas não tinham nenhuma prática na confecção de artesanato, eram iniciantes e estavam ali para aprender do zero. Outras possuíam alguma habilidade previamente adquirida, seja na família ou por outros cursos, então as aulas também contavam com a experiência das alunas que poderiam ensinar outros tipos de técnicas.

Havia também outro aspecto que parecia ligar essas mulheres entre si no que tange ao interesse de estar ali. Por um lado, os fatos explícitos e verbalizados eram a vontade de aprender o artesanato, a possibilidade de "ocupar a cabeça" aprendendo e exercitando algo novo e sair para encontrar outras pessoas a fim de formar vínculos fora de casa. Contudo, pairava no ar, silenciosamente, beirando o esquecimento, associada à vontade de fazer o artesanato a vontade de fazer dinheiro. Obviamente essa vontade não indica uma falha moral ou um desejo ganancioso e mesquinho dessas mulheres, mas aponta simbolicamente como a instituição operava em inculcar essa necessidade nas alunas e futuras artesãs, e como essa colonização dos desejos era o que de certa maneira também mantinha a instituição em funcionamento, por meio da competição dessas mulheres em dinâmicas futuras.

Durante meu tempo em campo, algumas dinâmicas importantes envolvendo as artesãs ocorreram. O primeiro evento foi a "promoção" de uma aluna à professora de artesanato, demonstrando que se elas se esforçassem e aprendessem as técnicas e os procedimentos de forma rápida e eficiente, qualquer uma poderia ocupar aquele lugar futuramente. O segundo evento, na verdade, era uma prática recorrente (conforme ouvi de pessoas mais antigas na instituição). Essa prática consistia em incluir algumas artesãs, formadas pela instituição e consideradas "boas artesãs",

em eventos que ocorrem fora do país para exposição dos artesanatos. Dessa forma, a instituição fabricava esses "casos de sucesso" e fazia deles um amuleto, garantia de sucesso e boas oportunidades para as alunas novatas.

As mulheres que chegavam na instituição aos poucos iam aderindo à dinâmica e tornavam-se atores estruturantes desse sistema. Outras, a partir das conversas em análise passaram a questionar esse funcionamento.

### ***Os psicanalistas***

Éramos quatro psicanalistas no início do projeto, sendo dois homens e duas mulheres. Posteriormente, no início de julho de 2023, uma outra psicanalista foi incorporada ao grupo e a partir de então ficamos em cinco. Nossa comunicação era feita majoritariamente por meio de um grupo em aplicativo, criado depois da primeira reunião de apresentação do projeto. Nesse grupo as mensagens se restringiam a dúvidas pontuais referentes ao cronograma de funcionamento da instituição, como dias de funcionamento, horários, salas disponíveis para atendimentos etc. As trocas mais recorrentes passaram a ocorrer do meio para o final do período que passamos lá, entre julho e novembro. Durante esse período realizamos apenas duas reuniões em grupo, uma para compartilhar como estava sendo a experiência e a segunda para debater e refletir sobre ações mais concretas que deveríamos tomar em relação à instituição, que na época estava tentando intervir em nosso trabalho.

A coordenadora do projeto era sempre muito solícita e se mostrava bastante aberta para ouvir nossas ideias, sugestões e também as angústias relacionadas ao trabalho. Frequentemente ela propunha chamadas coletivas para conversarmos sobre como andavam os atendimentos, as vivências em grupo, discutir casos, porém a incompatibilidade de horários entre os psicanalistas prejudicava esse momento de troca e conversa, restringindo o contato e as interações apenas às trocas de mensagens no grupo.

Essa pouca comunicação foi algo que estranhei nos primeiros meses de trabalho, mas fui me acostumando à essa dinâmica com o passar do tempo. Era como se o "grupo dos psicanalistas" fosse reconhecido apenas pela instituição – e pelas pessoas que a frequentavam – porque ali realizávamos

um "trabalho de psicanálise". Era uma identidade que tanto a instituição quanto as pessoas que compunham a instituição formavam sobre nós, mas a minha sensação "de dentro" do grupo não era a de que existia uma coesão entre os membros.

### **3.2 Entrada em campo**

No início do ano de 2023 fui indicado pela minha analista para integrar a equipe de um projeto de psicanálise. Ela não soube me explicar exatamente do que se tratava o projeto pois era coordenado por uma colega também analista, disse apenas que seria algo diferente e que tinha relação com meus interesses de pesquisa. Assim, tive que esperar o contato da coordenadora do projeto para que eu pudesse ter mais informações sobre o trabalho.

Alguns dias depois recebi uma mensagem de apresentação da psicanalista coordenadora e marcamos uma conversa por telefone para que ela pudesse me explicar a dinâmica do projeto. No telefonema, a coordenadora me explicou um pouco sobre o trabalho dela com a Psicanálise de uma forma geral e sobre a instituição, que ali desenvolviam trabalhos artesanais com mulheres em vulnerabilidade e que ela estava propondo uma escuta psicanalítica para as mulheres assistidas. Ela havia me informado que inicialmente tocava o projeto de escuta sozinha na instituição e que, com o aumento da demanda devido ao crescimento da organização, seria interessante expandir o projeto de escuta psicanalítica para abranger mais mulheres.

Depois de alguns dias a coordenadora do projeto de escuta fez uma breve reunião online comigo e com os outros dois psicanalistas integrantes da nova equipe. Ela revisitou um pouco da história da instituição, os novos projetos que estavam envolvidos e marcou um dia para conhecermos o local e conversarmos com a diretora e a coordenadora da instituição. Em um primeiro momento me senti um pouco inseguro, uma vez que nunca havia trabalhado com escuta de grupos, somente escutas individuais como comumente ocorre em sessões de psicanálise. Os outros companheiros psicanalistas já tinham um certo percurso na escuta grupal e compartilharam algumas observações

dessas experiências prévias. Encerramos essa primeira reunião entre os psicanalistas com uma data para conhecer a instituição e nos apresentarmos para a diretoria.

No dia em que nos deslocamos para o local a instituição estava de férias, portanto o prédio estava vazio, apenas com alguns profissionais organizando os próximos meses de trabalho.

Nesse momento fomos apresentados para a diretora e a coordenadora, que nos deram um panorama de como funcionava a instituição e quais os projetos que ali aconteciam. A primeira impressão era de que tudo parecia um tanto confuso, não havia uma demanda muito explícita para o nosso trabalho e não sabíamos sequer o tamanho do grupo que iríamos acompanhar. A ideia inicial era que, enquanto as aulas de artesanato aconteciam, nós estaríamos ali para participar das conversas e reflexões que eventualmente surgissem entre as alunas. Depois da conversa sobre o propósito da nossa presença no projeto de escuta (nada muito conclusivo nesse primeiro momento), organizamos os dias que iríamos realizar os acompanhamentos de grupo com as alunas. Fiquei com as quartas-feiras, pela manhã e pela tarde.

No primeiro dia em campo, uma vez que os cursos de artesanato tiveram início, fui acompanhado de uma outra psicanalista. Eu havia ficado com as quartas, mas, especificamente nesse dia, teria que ir na quinta-feira para conhecer o grupo de outras modalidades de artesanato. O primeiro contato foi bastante interessante. Fizemos uma roda para que todas pudessem se apresentar. Ouvimos histórias bastante tocantes sobre uma realidade que estava muito distante até então, ouvimos relatos de violências, assassinatos, trabalho precarizado, trabalhos análogos à escravidão, famílias deixadas em outros estados, filhos que se perderam nas ruas e outras histórias que as moveram a buscar o instituto. Logo se fez notar que ali era um lugar de esperança para as mulheres, um lugar no qual poderiam aprender um ofício criativo, poderiam dar forma aos seus sentimentos artesanalmente e criar laços entre si.

No retorno para casa, conversando com a minha colega, chegamos à conclusão de que o projeto de psicanálise naquela instituição seria uma oferta inesperada de escuta, uma vez que quando as mulheres se matricularam para o curso de artesanato, não faziam ideia de que seria

ofertada a possibilidade de um atendimento psicanalítico. Reconhecemos que o projeto de escuta tinha um potencial enorme para proporcionar um espaço onde elas poderiam ser ouvidas desde um outro lugar.

Em meu primeiro dia sozinho com meu grupo na quarta-feira me apresentei e me coloquei à disposição para a escuta individual, caso houvesse alguém que precisasse compartilhar alguma angústia de forma mais privada. De início o grupo ficou desconfiado, mas aos poucos algumas mulheres me chamaram em pequenos grupos para conversar e falar um pouco de suas histórias. No conjunto dos primeiros dias me senti desafiado por ter que lidar com um grupo grande e algumas questões me inquietavam sobre meu trabalho. Como deveria ser? O que eu deveria fazer? Como a escuta deveria se desenrolar? Eu deveria adotar uma postura mais ativa ou mais passiva na busca por empreender uma análise? Onde eu deveria me localizar? Sempre fazer rodas de conversa? Deveria deixar que elas procurassem minha escuta de forma espontânea? Deveria deixar que as ideias debatidas entre elas nas aulas surgissem ao acaso ou deveria propor debates coletivos sobre determinados assuntos?

Enfim, uma série de questões me perpassavam nesse início de trabalho, um trabalho que eu não estava acostumado a fazer e me sentia despreparado para realizar. Não tínhamos uma direção do que deveria ser feito ali, uma demanda, pois fomos chamados para tentar realizar uma "psicanálise" naquele lugar com aquelas pessoas. Uma inquietude que se apresenta naqueles que se sentem deslocados, sem saber o lugar que ocupam ou que deveriam ocupar.

Nesse primeiro mês, como ainda estava no processo de vencer algumas resistências, tanto da parte delas, como da minha parte, meu trabalho era feito majoritariamente em grupo. Me candidatei a aprender o artesanato junto com elas, mas também ficava circulando entre as artesãs para participar de conversas que estariam ocorrendo entre elas e por vezes me afastava do grupo para observar de forma mais panorâmica a dinâmica que estava acontecendo enquanto elas realizavam as atividades de aprendizado do artesanato. As aulas eram dispostas de maneira que elas formavam um grande círculo e na frente de cada duas ou três alunas havia uma mesa para que pudessem apoiar o

trabalho em andamento. Ao redor dessas mesas formavam-se pequenos grupos onde elas conversavam enquanto trabalhavam. Inicialmente era ali que meu trabalho era feito, de grupo em grupo, ouvindo e conversando sobre a vida de cada uma e sobre assuntos que elas se sentiam confortáveis em falar. A minha aposta inicial no "blá-blá-blá" era o que possibilitaria posteriormente que elas confiassem a mim um outro tipo de fala.

Na mesma medida em que minha profissão instigava a curiosidade sobre alguns sintomas que apareciam em algum nível na vida de cada uma, a ideia de que psicólogo "é coisa de doido" dificultava a busca pela minha escuta de forma individualizada, por um sentimento de vergonha que acometia o indivíduo perante o grupo. Essa ideia inicialmente foi homogênea entre o grupo, tomando forma em piadas usualmente ouvidas no senso comum. Mas isso foi dando lugar à curiosidade sobre como seria uma sessão de análise.

Aos poucos, após o primeiro mês, essa inquietude do deslocamento foi se arrefecendo, minha integração ao grupo foi se estabelecendo e algumas das alunas me buscavam para desabafar algo pontualmente, ali mesmo no grande salão onde ocorriam as aulas. No primeiro mês ainda não havia um trabalho de análise com encontros regulares em curso. De toda forma, eu percebia que algumas pontuações breves nas conversas que tínhamos nas horas de grupo surtiam efeitos importantes na dinâmica de vida de cada uma e algumas delas passaram a valorizar mais a fala sobre si e se interessar pelos conteúdos da própria fala que às vezes emergiam. Muitas delas passaram a compartilhar sonhos que tinham à noite, que remetiam a tempos longínquos da vida, da infância, ou atualizavam situações desafiadoras do presente. À medida em que minha presença se prolongava naquele ambiente, algum tipo de demanda por fala se instalava tanto nas dimensões individuais de cada uma, quanto na dimensão coletiva para o debate.

Assim, a partir de meados do segundo mês, aos poucos fui criando uma "agenda" com alguns atendimentos individuais com as alunas que apostaram nesse tipo de formato. De início comecei atendendo três mulheres de forma mais recorrente, toda semana. Os atendimentos individuais eram

intercalados com a minha presença no grupo em aula, e desse modo foi se estabelecendo uma dinâmica de trabalho.

### **3.3 Um trabalho em andamento**

Em determinado dia fui informado que as aulas de artesanato não ocorreriam no local de sempre. Em vez das aulas, as mulheres foram chamadas para se reunirem em frente à um Fórum de Justiça da cidade para protestar contra um grave crime que havia ocorrido sendo uma das vítimas a filha de uma participante de uma outra turma de artesanato que eu não acompanhava. Portanto, os atendimentos individuais que ocorriam pela manhã ficariam comprometidos.

Me dirigi ao local, uma calçada com um largo gramado logo em frente ao imponente prédio público e sua arquitetura característica, e fui ao encontro das mulheres da turma. Chegando lá fui logo procurado por duas mulheres demandando ter uma breve conversa, ali mesmo, no meio da calçada. Uma delas já vinha com um processo mais periódico de análise comigo em conversas individuais na instituição, a outra ainda estava "avaliando" o terreno com conversas pontuais durante as aulas.

A primeira veio me contar sobre a dificuldade de convivência com um filho que fazia uso abusivo de álcool. Ela dizia que tinha medo do que poderia acontecer com ele e com ela, uma vez que ele estava começando a ter atitudes mais agressivas e a demonstrar uma ira muito grande dirigida a ela. Dizia isso em frente ao fórum onde um outro rapaz (que talvez ela tomasse por igual) estava para ser julgado por um crime, situação que ela tinha medo que se repetisse dentro da sua própria dinâmica familiar. Nossa conversa teve o tempo que foi preciso para que ela ouvisse da própria boca que a lei em sua casa sempre foi furada. Reconhecia que ao longo de sua vida nunca soube muito bem como dar limite ao filho, uma vez que o pai - também alcoolista - apenas conseguia traçar limites por meio de agressões físicas e verbais. Ela se questionava como a lei deveria ser aplicada em casa, com esse filho, já que o pai havia morrido há alguns anos.

Terminada a "sessão" com a primeira senhora, a outra, que estava ensaiando uma aposta no início do seu percurso, veio ao meu encontro e pediu para conversar brevemente. Eu já havia conversado com ela pontualmente outras duas vezes durante as aulas - duas vezes que foram por iniciativa dela. Ela também falava de uma dificuldade na relação com o filho mais velho que há muito tempo envolvera-se com o uso frequente de crack, forçando-o a sair da casa da mãe por ameaças de morte decorrente de dívidas. Segundo a senhora, recentemente sua nora havia entrado em contato demonstrando uma profunda preocupação pois desconfiava que o marido poderia estar usando novamente a droga, uma vez que estava demorando para chegar em casa depois do trabalho e estava apresentando mudanças de humor muito bruscas, principalmente com seu filho. A senhora me disse que essa situação causava um grande pânico, pois tinha certeza que se isso fosse verdade, o casamento dele acabaria e o destino final de seu filho seria sua casa, onde ao mesmo tempo em que era jurado de morte, era o local onde ele conhecia muita gente que facilitaria ainda mais o retorno às drogas. Pontuei o aparente desejo de que ela não queria seu filho perto de casa, ao que ela respondeu que sim, mas que isso é inimaginável para uma mãe pois o papel dela deveria ser o de sempre acolher o filho independente de qualquer situação. Acrescentou que essa seria talvez a única situação em que se autorizaria a recusar o retorno de seu filho a sua casa e que seria melhor manter uma relação mais distante, ou que por ventura ela aumentasse a frequência de visitas ao seu filho na casa da nora. Após o questionamento de alguns significantes enrijecidos, a senhora pode sair dali um pouco mais aliviada, sabendo que não se tornaria uma mãe má ao recusar a volta de seu filho para casa. Ou que talvez ela não seria condenada por uma lei, como o jovem que estava sendo julgado por um crime hediondo no prédio próximo a nós. Após essas duas conversas me juntei ao grupo que estava aglomerado em frente ao fórum, em cima de um gramado.

Em outro dia as alunas conversavam no grupo sobre o aniversário de duas participantes que havia sido na semana anterior e resolveram providenciar um lanche para cantar parabéns. Me prontifiquei a ajudar em alguma coisa que fosse necessário e então me pediram para buscar um bolo em uma padaria próxima à instituição. Como eu não conhecia a região, uma das alunas se ofereceu

para me acompanhar e me ajudar a chegar até a padaria. Essa aluna nunca havia pedido uma conversa individual, mas, durante o trajeto até nosso destino, ela se sentiu confortável em compartilhar pensamentos. Conversamos sobre assuntos muito pessoais e tocantes a respeito da sua filha e sua família. Mais uma vez uma sessão não planejada ou não esperada, fora dos muros da instituição, na qual o "setting" se estabeleceu apenas pela escuta e pelo reconhecimento de falas significativas trazidas pela aluna. Uma sessão de psicanálise feita no deslocamento pela cidade. A aluna sentiu-se à vontade para construir uma fala sobre si fora dos muros da instituição, em um movimento de deslocamento, tendo a segurança de que seria ouvida. Interessante foi perceber que a fala teve início a partir de uma lembrança sobre sua última residência. Passamos por uma rua onde ela logo recordou ter morado e que lembrava ser localizada próximo ao curso que sua filha fazia. Ela prosseguiu, relatando que estava muito preocupada com a filha pois estava tendo problemas na escola. Pergunto que tipo de problema e ela me responde que a filha estava sofrendo *bullying*, outras meninas ameaçavam bater nela depois do horário escolar e isso a preocupava bastante. Senti que era preciso ter sensibilidade para perceber que uma observação dentro de uma conversa não é qualquer observação, como o breve comentário sobre a rua onde uma vez morou. Pelo menos enquanto estou ali como psicanalista, penso que as falas não devem ser tratadas como falas quaisquer, e sim falas que podem possuir um algo a mais, o que não se diferencia da prática de consultório. Perguntei se ela sabia o porquê das colegas de sua filha estarem tendo esse tipo de comportamento hostil com ela, ao que me respondeu que era porque sua filha havia ido à escola com uma camisa de um time e as colegas pensaram que essa camisa era para se gabar por ser muito cara. Em tom de brincadeira respondo que ela não deveria se preocupar tanto com a aceitação da filha dela na escola porque o time que ela vestia a camisa tinha uma das torcidas mais numerosas do Brasil. Ela riu e retornamos à instituição com um bolo para confraternizarmos o aniversário.

Outro momento importante ocorreu algumas semanas depois. Logo que cheguei foi pedido a mim que buscasse alguns bancos de madeira para que as mães pudessem esperar com seus filhos o chamado do pediatra que estava na instituição aquele dia. Após buscar o banco prontamente chamei

a primeira mulher que atendo logo pela manhã. Não havia me dado conta que, como um pediatra estava realizando atendimentos, minha sala usual não estaria disponível. Me dirigi até outra sala com a paciente, uma sala onde já havia atendido antes porém havia desistido de utilizá-la porque as paredes não abafam o som corretamente, atrapalhando um pouco a privacidade da sala e do atendimento. Confesso que esse incômodo era mais de minha parte, pois fico preocupado com a garantia do sigilo. Como não havia outra maneira, usei a sala com divisórias que não abafavam o som, tentando me concentrar apenas no que a paciente dizia e confiando que as pessoas na sala ao lado não ouviriam a conversa. Ao fim da sessão, outra mulher logo me pediu para conversar. Subimos novamente para a sala e agora as duas estavam ocupadas. Pensei: "Bom, acho que fazer psicanálise extramuros quer dizer isso mesmo". A mulher rapidamente exclama que não tem problema nenhum em conversar em outro lugar, em um corredor ou qualquer espaço. Uma das coordenadoras da instituição promete a nós que assim que alguma das salas fossem desocupadas ela nos avisaria para que a sessão se desenrolasse em uma sala privada. Fomos esquecidos. Nos dirigimos para a calçada em frente ao prédio e ali começamos a sessão. Lembro-me de ela ter se emocionado, falado bastante sobre a vida. Nesse momento recordei que de fato um *setting* se estabelece pela fala, pela fala plena, por uma fala implicada do paciente. Não pelo espaço físico, mas sim pelo espaço simbólico que se cria em uma relação dual por meio da fala. Lembrei também que os efeitos de uma análise tampouco se dão em um espaço físico, mas são fruto do trabalho em transferência.

Vale ressaltar que inicialmente as queixas trazidas para as conversas particulares sempre diziam respeito à própria história das mulheres, como, por exemplo, uma dificuldade na relação com os filhos, lembranças da própria história, reflexões sobre vontades e desejos. Posteriormente, as queixas passaram a ser sobre as dificuldades na relação com a própria instituição.

### **3.4 O corte institucional**

Passado algum tempo depois de conseguir estabelecer meu ritmo de trabalho, percebo uma presença mais constante da diretora da instituição. As aparições dela se davam por breves passagens

e emitia um comentário ou outro sobre os grupos e a dinâmica das aulas. Em determinado dia ela comenta que seria interessante as intervenções psicológicas se restringirem apenas aos momentos de grupo, que talvez pudesse surtir mais "efeito", uma vez que o projeto era para estimular a independência financeira das alunas. Acrescentou que era até melhor que as conversas fossem feitas no âmbito grupal, pois ela não tinha como saber o que se conversava em particular com as alunas. Estranhei, pois no início do projeto não havia nenhuma demanda específica de que nosso trabalho deveria se restringir a intervenções grupais, inclusive minha angústia inicial era a de que o trabalho não tinha quase nenhuma demanda ou direção. Não respondi e dei continuidade ao meu trabalho como havia planejado.

Como já mencionado, antes de darmos início ao projeto de escuta, fizemos um grupo de comunicação no WhatsApp somente com os psicanalistas participantes do projeto. A relação entre os psicanalistas era basicamente feita por esse grupo, as conversas eram restritas a pequenas pontuações sobre algum caso que tenha chamado atenção ou dúvidas sobre o funcionamento institucional. No mesmo dia, recebemos uma mensagem no grupo de um dos colegas relatando que no dia anterior a diretora havia insistido para que ele conduzisse uma dinâmica grupal e que também não foi atendida. Logo em seguida, a outra colega também relatou uma conversa em que teve que se posicionar mais firmemente contra a necessidade de se fazer uma dinâmica no grupo.

Diante desse primeiro estranhamento, uma demanda/imposição bastante explícita por parte da diretora para que nosso trabalho fosse realizado em âmbito público e não privado e o trabalho da análise fosse conduzido somente no grupo e não em sessões particulares, passamos a nos questionar a respeito dos motivos desse desconforto por parte da diretora e a comunicação que acontecia em conversas privadas uma a uma. De início essa situação se apresentava de forma bastante confusa, principalmente porque essa era uma parte previsível do trabalho, uma vez que já era realizada pela coordenadora do projeto de escuta. Outro ponto que não tinha uma explicação satisfatória era a insistência para que ficassemos apenas realizando dinâmicas grupais e nos ensurdecendo para outros tipos de demandas que as mulheres endereçavam a nós espontaneamente. Posteriormente, mais do

que o pedido de dinâmicas, acrescentava-se o conteúdo que deveria ser abordado nesses momentos de grupo. A diretora enfatizou que seria muito importante que as dinâmicas tocassem em temas como violência doméstica, relações abusivas e estratégias para gerenciamento de dinheiro - algo como ensinar as mulheres a fazer dinheiro e gerenciar esse dinheiro. Foi pedido também que esse momento fosse ser fotografado.

Como em "um passe de mágica", a instituição passou a se incomodar com o trabalho de análise feito com as mulheres ali. Durante o período em que as demandas de dinâmica eram negadas, alguns artifícios de boicote ao trabalho de escuta individual eram praticados pela instituição, como falta de salas, pedidos para que as moças em atendimentos com os psicanalistas fossem em dias que não estivéssemos lá. Inclusive, em certo momento, dividiram a turma em duas dificultando a ida das mulheres ao instituto nos dias que teriam atendimento psicanalítico.

Reunimos os psicanalistas *online* em uma chamada de vídeo e tivemos uma breve conversa na qual expusemos nosso desconforto com a intromissão na maneira que trabalhamos, porém concordamos em realizar ao menos uma dinâmica grupal para atender à demanda realizada pela instituição para ver se conseguíamos reverter a situação desconfortável que estava se criando. Acordamos também entre nós que não conduzirmos dinâmicas nas quais o tema fosse violência doméstica e relações abusivas por entendermos que temas como esses exigem maior cuidado e maior responsabilidade, sendo arriscado entrar nessas searas de forma aberta no grupo - não abriríamos mão das análises individuais que já estavam em curso com as mulheres. Comunicamos à coordenadora que faríamos apenas um momento de dinâmica e que os atendimentos individuais continuariam normalmente.

Na semana seguinte fui à instituição pronto para me livrar de imediato da tarefa imposta. A ideia que arquitetei foi a escrita de uma carta para um "eu" do passado, o exercício de descrever o que elas têm feito, aprendido e conversado nos grupos de artesanato com a finalidade de entrarem em contato com pensamentos presentes e poderem analisar o percurso que estavam fazendo até então. A dinâmica não teve uma boa receptividade pois elas alegaram não gostarem de escrever, e

algumas também não gostavam de relembrar o passado. Dessa forma, aceitei que algumas delas participassem da dinâmica com a fala, sem escrever a carta, mas que de alguma maneira pudessem elaborar alguma coisa, alguma reflexão. Era um tanto óbvio que esse momento não teria uma boa receptividade por parte delas pois era uma clara invasão e apropriação por parte da instituição do momento de trabalho vivo e de fala delas, no qual o desejo as movia a aprender e insistir em aprender o artesanato e a falar livremente sobre qualquer aspecto de suas próprias vidas. Também houve uma falta de tato do analista que vos escreve em propor uma dinâmica na qual se supunha certa intimidade com a escrita e, ainda mais invasivo, um contato com o passado, algo bastante íntimo de cada um.

Após essa primeira experiência não muito exitosa, com o grupo da tarde resolvi reformular a dinâmica e repetir uma experiência realizada no dia anterior por outro psicanalista. Solicitei um barbante na administração para que elas fossem passando de uma para outra em formato de roda e, na medida em que iam segurando o novelo de barbante, elas poderiam dizer algo sobre a experiência delas na instituição - algo como tecer uma teia de falas. A receptividade a dinâmica foi melhor, elas puderam elaborar falas bastante significativas sobre a história de cada uma e a relação que estavam construindo com a instituição e entre elas. O que ficou marcado na fala de todas foi a importância do suporte que elas recebiam entre si ali em grupo. O vínculo criado entre as participantes do grupo das segundas e quartas-feiras era muito forte, já se consideravam amigas e companheiras e formaram um coletivo que tinha por objetivo a reunião para aprendizado, apoio e troca.

De minha parte, a experiência foi bastante incômoda. Me senti desconfortável com a ideia de realizar uma atividade imposta pela instituição. A imagem que me vem à cabeça é a de uma invasão do espaço e da rotina delas. Naquele dia, mesmo que tenha feito a dinâmica solicitada, prossegui com os atendimentos individuais que já estavam em curso, tanto pela manhã quanto pela tarde. As mulheres que atendo individualmente começam a formular demandas de análise e algumas já colhem efeitos positivos do dispositivo analítico com mudanças significativas que elas julgavam serem importantes.

Algo que me chamava a atenção era a percepção de que me sentia permanentemente vigiado pela instituição nos dias próximos a esse evento, por estar fazendo um trabalho que não estava “às vistas” e que não poderia ser supervisionado e avaliado. Meus colegas psicanalistas também relatam um desconforto. A instituição tem medo do que se trata no um a um.

Em certo momento as alunas foram divididas entre turmas em dias distintos. O trabalho é dividido entre as alunas mais habilidosas e as iniciantes. A instituição separou as mulheres em dois grupos entre segundas-feiras e quartas-feiras, as menos habilidosas ficariam frequentando apenas os grupos de quarta, dia no qual eu estaria lá. Era perceptível o descontentamento sentido por elas, primeiramente porque muitas delas frequentavam o local para ter uma maior socialização com outras pessoas – fato que já vinha acontecendo, inclusive com a formação de um forte vínculo de amizade entre elas. Em segundo lugar porque aquele espaço garantia outros tipos de direitos básicos como alimentação, água tratada e luz. Após o desentendimento produzido pela história das dinâmicas grupais entre nós e a instituição, sentimos que a instituição começou a se articular contra o nosso trabalho.

Alguns pontos devem ser esclarecidos nesse momento em que a instituição começa a se movimentar contra o trabalho dos analistas. O primeiro deles é que uma colega, em atendimento com as mulheres do grupo de quinta-feira, traz para nossas conversas no grupo de analistas reclamações das artesãs sobre problemas com a instituição. O maior problema era referente ao pagamento realizado pelos trabalhos artesanais. O grupo das quintas-feiras produzia um tipo de artesanato com o qual a instituição tinha uma certa tradição nas vendas, portanto as mulheres que frequentavam os grupos da quinta-feira já conseguiam vender seus artesanatos com alguma rapidez e facilidade, abrindo espaço para o aparecimento de problemas relacionais entre as mulheres e a instituição.

Muitas mulheres relataram que o trabalho era mal pago, pago com atraso ou muitas vezes não eram pagos. Outro ponto era que os projetos de artesanato, patrocinados por grandes marcas e outras instituições, sempre geravam situações nas quais as mulheres eram obrigadas a passar

grandes quantidades de horas na instituição (ou outro local proporcionado por esta, como por exemplo galpões ou igrejas): algo em torno de 15 horas por dia, 7 dias por semana, para que a encomenda pudesse ser realizada em tempo hábil. A encomenda era solicitada e o prazo girava em torno de 10 a 20 dias. Com peças artesanais de tamanhos variados, o tempo curto e pouca mão de obra, o trabalho obviamente se tornava bastante precário. Segundo nossa colega, muitas mulheres se queixavam de dores nas costas, nos ombros e nas mãos, principalmente aquelas que escolhiam grandes peças para produzir.

A partir daí o que se desvela através do trabalho de escuta psicanalítica grupal e individual é a forma como a instituição atua tanto para captar mão de obra como para mantê-las trabalhando continuamente. Uma vez que as mulheres se matriculam, o que se promete é que se elas se tornarem habilidosas artesãs os trabalhos produzidos por elas serão comprados pela própria instituição e assim elas terão alguma renda. Feita a promessa de dinheiro, outros signos são utilizados para seduzir as mulheres a continuarem ali trabalhando. Como a instituição circula muito bem entre grandes marcas, por vezes essas marcas patrocinam viagens internacionais para que a instituição possa mostrar os artesanatos produzidos. Nessas viagens algumas mulheres são selecionadas para ajudar na montagem das exposições e conseqüentemente acabam tendo a oportunidade de visitar outros países. Para quem chega e vislumbra a possibilidade de aprender algo novo, ganhar dinheiro e viajar para outros lugares, surge o pensamento de que é possível pagar qualquer preço para viver isso. E no caso, o preço é alto.

Segundo as conversas que tivemos com a colega responsável pelo grupo das quintas-feiras, as mulheres também detalharam como as tarefas de trabalho são designadas entre elas. Primeiro, alguma empresa parceira envia o projeto, depois esse projeto é decomposto em peças manufaturáveis e em seguida cada parte do projeto é "posta em leilão" entre as artesãs. As peças maiores e mais complexas têm valores maiores e peças menores e mais simples têm valores mais baixos. O valor a ser pago por cada peça é decidido pela instituição, e cada artesã decide qual peça irá produzir. A principal consequência desse tipo de sistema é a criação de competição e

desentendimentos entre elas. Isso porque a maioria das mulheres querem escolher as peças com maior valor, sendo que não há peças suficientes para que todas possam produzir artefatos grandes. Assim, algumas mulheres têm que se contentar em ficar com peças menores e de menor valor.

### **3.5 A negação da psicanálise**

Organizamos uma reunião remota com a diretora do instituto para que os dois lados pudessem se comunicar melhor sobre as expectativas e sobre os destinos do que seria o projeto a partir do segundo semestre. A diretora fez uma série de revelações que denunciavam um certo incômodo com a presença dos psicanalistas na instituição. Boa parte desses incômodos vinham de uma expectativa de que nós trabalhássemos com vistas a "educar" as mulheres em assuntos sobre finanças pessoais, empreendedorismo e sobre violência doméstica. Ela insistiu reiteradamente para que lêssemos as diretrizes do projeto de escuta, sendo que no referido documento não constava a obrigatoriedade de que os atendimentos fossem realizados apenas em grupo. Portanto, as demandas que ela fazia para que o trabalho fosse conduzido somente em grupo, nas dependências da instituição onde ela poderia circular livremente, com o argumento de que isso surtiria mais efeitos positivos para as mulheres do que a escuta individual não poderiam ser atendidas. Isso porque nossa presença e escuta ali descortinavam algumas práticas duvidosas da instituição com as frequentadoras desta, o que elas somente poderiam relatar de forma sigilosa ou minimamente "protegidas".

Durante algum tempo uma das psicanalistas havia comentado que estava ouvindo sucessivamente de algumas mulheres queixas sobre a relação de trabalho proporcionada pela instituição. A instituição havia firmado uma parceria com uma grande loja para que algumas peças artesanais fossem produzidas pelas mulheres. Entretanto, alguns problemas foram surgindo nesse processo, um deles relativo ao pagamento dessas mulheres e outro relativo a carga de trabalho que se mostrava insustentável. Durante a reunião esse assunto foi abordado por essa psicanalista, afirmando que a situação poderia ser manejada de uma outra maneira, deferente de fazer uso da mão de obra das mulheres para manufaturar de forma barata produtos para a empresa. Segundo a

psicanalista, isso produzia efeitos que iam na direção oposta da proposta da instituição, cultivava nas mulheres uma dívida imaginária que as impedia de seguir com suas próprias estratégias para criar uma fonte de renda de forma autônoma e também dificultava a relação dessas mulheres com a instituição. Outro adendo realizado foi sobre os sucessivos fracassos que as instituições de forma geral tiveram com essas mulheres, acarretando situações de vulnerabilidade e que aquele não poderia ser mais um local de fracasso dessas instituições.

De forma geral a reunião foi marcada por falas apenas da diretora e de duas psicanalistas. A diretora se colocando em uma postura defensiva, afirmando que não iria dar continuidade ao projeto de escuta, que iria acabar com o projeto assim que fosse possível pois a demanda de prestação de contas era extenuante e que não tinha estrutura para assistir tantas mulheres como o demandado. Do outro lado as psicanalistas tentando argumentar que o projeto tinha uma potência muito grande pois oferecia a possibilidade de criação de vínculos por essas mulheres e a organização coletiva delas para encontrar soluções para diversos problemas, algo que iria além do aprendizado do artesanato e não se encerrava nas portas do instituto.

Ao fim da reunião, em tom de brincadeira, a diretora do instituto diz que a instituição está na terapia.

### **3.6 O fim**

A partir desse desentendimento com a instituição, os atendimentos e os grupos prosseguiram até seu fim em novembro de 2023. As desarticulações de horários continuaram, nas quais as artesãs só poderiam frequentar os cursos em datas e horários específicos, de modo que meus atendimentos caíram em frequência. As artesãs, que antes iam às sessões todas as semanas, passaram a ir apenas quinzenalmente e às vezes mensalmente. Algumas continuaram semanalmente.

Os grupos continuaram, mas sempre com um certo fantasma pairando nos encontros. As artesãs que continuaram nos cursos pareciam ter pedido o encantamento com a instituição, encantamento que sempre é produzido no primeiro momento ao entrar no prédio e ouvir falar dos

projetos ali desenvolvidos. Após as estratégias de gerenciamento tendo sido postas em prática, a vida pulsátil, a esperança e a alegria tiveram que dividir espaço com a mortificação do trabalho e o empobrecimento das experiências. As grandes marcas e empresas deixam seu traço. Os tentáculos neoliberais alcançam e subvertem as tentativas de florescimento de projetos vivos, e, na via de Hanna Arendt, o mal se perpetua na superficialidade, na banalidade (Guimarães, 2019). A instituição produzia e reproduzia as estratégias de gerenciamento mortificantes das grandes corporações. O espaço que ora se apresentava como uma brecha, uma esperança, um respiro, acabava reproduzindo o que aquelas mulheres viviam cotidianamente em suas vidas: um misto de fracasso das instituições estatais com a exploração das instituições privadas.

Um fato curioso passou a ocorrer após a resistência empregada pela instituição ao nosso projeto psicanalítico: cada vez mais pessoas, que não as artesãs, buscaram meus atendimentos na instituição. O primeiro caso foi de um jovem que trabalhava na recepção do prédio. Certo dia ele me abordou perguntando se eu era impedido de atender pessoas que não fossem as alunas e artesãs. Respondi prontamente que meu atendimento era para quem quisesse falar. Ele então pediu para conversar comigo e a partir daí passou a frequentar as sessões semanalmente. Não passou muito tempo e as sessões com o rapaz passaram a versar sobre um certo tipo de "boicote" que a instituição estava fazendo com ele, algumas fofocas relacionadas a sua vida sexual. Curioso que, durante essas sessões em que a instituição passou a ser o assunto, ele estava desconfiado de algumas práticas ilegais relacionadas ao trabalho que a instituição praticava. Não demorou muito para que ele fosse demitido. Outros pedidos para atender parentes, filhos, irmãs, sobrinhas chegavam. Era como se a resistência da instituição com o nosso trabalho tivesse desencadeado uma irrupção de demanda por mais trabalho.

Dessa forma, entendendo que nossos dias enquanto psicanalistas na instituição estavam contados, e com a certeza do fim do projeto de escuta ali, passei a atender quem quisesse falar comigo até o dia em que foi preciso dizer adeus.

#### Capítulo 4. Trabalhos (im)possíveis do psicanalista

*Repetir repetir - até ficar diferente.  
Repetir é um dom do estilo  
(Manoel de Barros, O Livro das Ignorâncias)*

Retomando o objetivo de caracterizar os trabalhos (im)possíveis do psicanalista fora do *setting* tradicional e após introduzir o referencial teórico em que a presente dissertação se sustenta em relação ao entendimento de qual é o trabalho do psicanalista, proponho discutir o relato apresentado de acordo com as noções do trabalho *da* psicanálise e o trabalho *na* psicanálise, noções esboçadas por Mendes (2018) a partir da escuta de trabalhadores em sofrimento, mas desdobradas no presente trabalho para analisar a autoetnografia.

Mendes (2018) realiza uma análise para elucidar os trabalhos envolvidos na escuta psicanalítica do trabalho. Em seu fio argumentativo, demonstra os trabalhos realizados pelos clínicos na Clínica Lacaniana do Trabalho e afirma que a escuta psicanalítica "é uma técnica sustentada por quatro regras imprescindíveis [...]: a associação livre, a abstinência, a neutralidade e a atenção flutuante." A autora ainda acrescenta que "A interpretação é central no método tanto para Freud quanto para Lacan, sendo esta a técnica que norteia também a escuta clínica que realizamos" (Mendes, 2018, p. 69). Quanto ao trabalho no nível do sujeito, a autora define como

parte de inúmeras possibilidades de trabalho para o sujeito fora do contexto do trabalho capitalista. Por exemplo, o trabalho (*arbeiten*) psíquico e outros trabalhos, como o trabalho de escutar, de cuidar; o trabalho intelectual, político, doméstico, voluntário, comunitário. Trabalhos em que existam possibilidades de silenciamento das vozes do supereu e do sujeito trabalhar ao não atender às demandas do Outro, implicando em insistir no seu desejo e ter a sublimação como um destino possível para a pulsão. Assim, trabalhar é insistir no desejo.

Desejo que permanece sendo ou não realizado, que é sempre um risco, uma aposta sem garantias e sem destino certo. (Mendes, 2018, p. 71)

A autora não explicita de forma evidente a separação entre os trabalhos, na verdade reforça que todos eles acontecem simultaneamente, compondo uma *práxis* (Mendes, 2018). Entretanto, no presente manuscrito procuro uma separação meramente didática com o objetivo de facilitar a análise dos trabalhos que ocorreram em campo, realizando uma psicanálise fora do *setting* tradicional. A separação também serve para que os dados da autoetnografia possam ser discutidos e analisados levando em consideração os diferentes trabalhos realizados e como eles influenciam um ao outro. Portanto, proponho a separação momentânea entre o trabalho *da* psicanálise e o trabalho *na* psicanálise.

#### **4.1 O trabalho *da* psicanálise**

Nos textos dos *Estudos sobre Histeria*, Freud (1895/2016) indica seu projeto de investigar e constituir um procedimento para o tratamento das neuroses, havendo aí uma explícita intenção terapêutica e, portanto, de trabalho. Os *Estudos sobre a Histeria* mostram uma série de casos de tratamento de pacientes que apresentavam sintomas que na época eram reunidos sob o nome da histeria. Freud conclui esses estudos com um capítulo nomeado *A psicoterapia da histeria*, no qual se estabelece o sentido geral do trabalho que ele e Breuer desenvolveram. Portanto, é isso o que embasa o projeto inicial da Psicanálise, um trabalho que tem uma intenção terapêutica: "a psicanálise não nasceu como projeto de conhecimento, mas como um trabalho de cura dos sintomas histéricos" (Celes, 2005a, p. 160).

Retomando Freud, em um primeiro estágio no desenvolvimento da psicanálise enquanto *prática*, o trabalho do analista seria o de vencer resistências e fazer o paciente falar sobre suas lembranças esquecidas e dolorosas (Freud, 1895/2016; Celes, 2005b). Após abandonar o método da hipnose e passar pelo método catártico, a psicanálise se constitui como a conhecida *talking cure*, um

método terapêutico calcado na linguagem e que apresenta apenas uma regra: a associação livre. A associação livre implica que o paciente fale abertamente para o analista o que lhe vem à cabeça, sem reprimir ou censurar a ideia, dando relevância aos pensamentos avaliados como pouco importantes e principalmente os que são difíceis de falar. Aqui o analista tem sua cota de trabalho: o analista deve informar a crucialidade dessa regra, fazendo com que o analisante fale. Mas, uma vez que o analisante passe a falar abertamente sobre suas questões, isso não é garantia de que ele esteja ouvindo suas próprias palavras. Para que o analisante tenha a chance de se ouvir, o analista - para além do trabalho de fazer falar - faz uso da interpretação para fazer ouvir (Celes, 2005b). Dessa forma se constitui o trabalho do analista em termos iniciais e gerais, ele faz o paciente falar e faz o paciente se ouvir. Freud (1912/2017), em *Recomendações ao médico para o tratamento analítico*, formula o trabalho do analista enquanto o trabalho da livre associação é realizado pelo analisando:

Assim como o analisando deve comunicar tudo que ele capta em sua auto-observação, evitando todos os apartes lógicos e afetivos que querem motivá-lo a proceder a uma seleção, também o médico deverá ser capaz de utilizar tudo que lhe foi dito para a finalidade da interpretação, do reconhecimento do inconsciente oculto, sem substituir a seleção descartada pelo doente por uma censura própria; resumindo em uma fórmula: ele deverá dirigir para o inconsciente emissor do doente o seu próprio inconsciente enquanto órgão receptor. (p. 99)

Em textos posteriores, Freud é bem explícito sobre o trabalho clínico do psicanalista e pouco altera sua concepção sobre o assunto. Em *Caminhos da terapia psicanalítica*, Freud (1919/2017) faz analogia ao trabalho do químico, que separa os compostos a partir de métodos específicos. O ponto principal com essa analogia que, ao desmembrar algo, os compostos livres deveriam ser reagrupados pelo processo de uma síntese, dando forma a um outro composto. Dessa maneira, ao transpor a reflexão para a seara psicanalítica, poderia-se pensar que quando um analista decompõe e

desmembra o funcionamento psíquico de um paciente o que se esperaria do analista seria a recomposição dos elementos em uma melhor forma para o paciente.

Entretanto, Freud esclarece que esse não é o trabalho do analista porque esse trabalho de recomposição dos elementos psíquicos é automático para o analisando, ou seja, há um trabalho de síntese elaborativa por parte deste. "Assim a psicossíntese se dá no analisando sem a nossa intervenção, de forma automática e inescapável" (Freud, 1919/2017, p. 194), reforçando a ideia inicial de que o analista não pode se valer de seu poder de sugestão para alcançar efeitos terapêuticos. Ainda nesse texto, Freud reforça que a atividade do analista se resume em dois atos: a conscientização do recalcado e a descoberta das resistências, mas acrescenta um "novo setor da técnica analítica" que é a noção de que o tratamento analítico deve ser executado na privação ou abstinência. Isto é, que a atividade do analista, enquanto o tratamento durasse, seria a de "manter uma falta" e de não transformar o paciente em objeto do analista, desejando por ele, traçando seu destino e impondo ideais.

A noção de abstinência, que Freud adverte ao psicanalista, está vinculada ao que pode ser o último elemento do trabalho a ser analisado: o manejo da transferência. Freud (1915/2017) é bastante claro ao dizer que, após o psicanalista iniciante superar as dificuldades de entender como realizar uma interpretação e de como remover as resistências para o reaparecimento do recalcado, ele se dá conta que as únicas dificuldades realmente sérias são encontradas no manejo da transferência. Esta sendo negativa ou positiva exige do analista um certo tipo de trabalho em manejá-la para que o tratamento tenha continuidade, de modo que, novamente, o paciente possa falar e se ouvir.

Isso posto, pode-se reunir em três os trabalhos de um analista: (1) por meio do incentivo à associação livre, o psicanalista estimula o analisando a falar; (2) por meio da fala o analisando constitui material para trabalho e, com isso, o analista tanto pode reunir informações para futuras interpretações, como o analisando pode ouvir o que está dizendo, entrando em contato com suas resistências e ao mesmo tempo com o material recalcado inconsciente (atos falhos, chistes, sintomas,

sonhos etc.); e (3) ao longo do processo de análise o psicanalista poderá manejar a transferência à medida que ela for se estruturando, para que esta não se torne ela mesma um tipo de resistência ao trabalho. Na técnica freudiana são esses três atos que compõem estruturalmente o trabalho efetivo do analista.

Seguindo Freud, Lacan leva muito a sério a questão de como o trabalho de análise deveria se dar. Um dos motivos de seu retorno a Freud é a ideia de que os psicanalistas de sua época estavam se desviando do caminho aberto pelo pai da Psicanálise, dando muita ênfase ao ego. Em seu seminário realizado em 1954, Lacan aborda os escritos técnicos de Freud e faz importantes apontamentos sobre a resistência, sobre a transferência e sobre o campo da linguagem no qual o trabalho psicanalítico se desenrola.

Iniciando com as resistências, Lacan (1954/1986) adverte que para lidar com elas, o analista deve renunciar ao estilo policesco e inquisitorial: "a interpretação da defesa, que chamo de ego a ego, convém, seja qual for seu valor eventual, abster-se dela" (Lacan, 1954/1986, p. 45). Assim - sendo a psicanálise uma técnica que respeita a pessoa humana - o psicanalista restitui a importância e a centralidade da síntese que o analisando faz de seu passado no presente ao não forçar as resistências do analisando. Dessa maneira, o trabalho da análise pode continuar vencendo a verdadeira resistência que é tudo que "destrói, suspende/altera a continuação do trabalho" (Lacan, 1954/1986, p. 45). Inclusive o próprio analista não sai ileso sobre as reflexões das resistências, uma vez que a resistência é deslocada para o discurso e para o trabalho.

De acordo com Lacan, a resistência está intimamente ligada à transferência: "é no movimento através do qual o sujeito se revela, que aparece um fenômeno que é resistência. Quando essa resistência se torna muito forte, surge a transferência" (Lacan, 1954/1986, p. 53). Portanto, para Lacan, a resistência é uma propriedade do discurso e não uma propriedade egoica do analisante. Ela surge à medida que a situação analítica se constrói e é um fenômeno que concerne ao analista manejar. Lacan em *A direção do tratamento e os princípios do seu poder* afirma enfaticamente que "não há outra resistência à análise senão a do próprio analista" (Lacan, 1966/1998, p. 601).

Nesse jogo de transferência e resistência, Lacan articula uma noção importante para o trabalho do analista: a noção de fala plena e fala vazia do analisando. Fala plena seria aquela que realizaria uma verdade do sujeito e a fala vazia aquela na qual o sujeito se veria no plano de fazer algo no aqui e agora frente ao analista (dizer o que se imagina que se gostaria de ouvir), na qual o sujeito se perde nos esquemas da linguagem e nos labirintos dos sistemas de referências culturais. Lacan (1954/1986) afirma com propriedade que o analista só poderá trabalhar com o primeiro tipo de fala, somente na fala plena o analista poderia intervir e esse trabalho de intervenção se daria no discurso do analisando. As noções de fala plena e fala vazia restituem a centralidade do trabalho do analista de fazer falar.

Lacan também não perde de vista a proposição de Freud de que o trabalho do analista deve ser realizado em abstinência. Em trabalhos posteriores, Lacan pontua que o analista não atende uma demanda desavisadamente:

O que é que se passa quando o sujeito começa a falar com o analista? – ao analista, quer dizer, ao sujeito suposto saber, mas do qual é certo que ele não sabe nada ainda. É a ele que é oferecido algo que vai primeiro, necessariamente, se formar como pedido. Quem não sabe que é aí que está o que orientou todos os pensamentos sobre a análise no sentido do reconhecimento da função da frustração? Mas o que é que o sujeito pede? Aí está toda a questão, pois o sujeito bem sabe que, quaisquer que sejam seus apetites, quaisquer que sejam suas necessidades, nenhum encontrará satisfação ali, senão, no máximo, a de organizar seu menu. (Lacan, 1964/1985, p. 261)

A partir dessa noção de abstinência – de um "frustrar" uma demanda – observa-se o verdadeiro local que o analista deve ocupar para Lacan, esse lugar sendo o lugar do vazio. Essa noção se articula com o que Lacan vai chamar de desejo do analista, condição fundamental para a realização do trabalho psicanalítico e que orienta, a partir das coordenadas teóricas desenvolvidas por Lacan,

uma ética da psicanálise e do psicanalista. A noção de desejo do analista orienta o trabalho do manejo da transferência.

É importante demarcar que o psicanalista tem no seu trabalho um trabalho no discurso, um trabalho de interpretação e um trabalho de manejo da transferência. Freud inaugura o tratamento pela fala, dando ênfase na importância de que o analista seja um propiciador da fala, ajudando a vencer resistências no processo e analisando inclusive a relação que se forma a partir disso. Lacan reforça esse compromisso com a fala e com a linguagem, promovendo outras reflexões e uma retomada dos ensinamentos freudianos, argumentando a importância da implicação do analista com seu desejo de analisar sendo a função essencial da análise (Lacan, 1964/1985). Essa é uma concepção fundamental para não cair ingenuamente na ideia de que somente o analisando trabalha na situação analítica. O psicanalista trabalha, mas trabalha com o discurso do analisante (Furtado, 2008), tanto no discurso composto por falas enunciadas durante as sessões e que compõem as redes significantes, quanto trabalha no discurso entendido como laço social posteriormente teorizado por Lacan (1969/1992).

O trabalho do analista é um convite ao trabalho vivo do analisando, ao trabalho do desejo, do desejo que o outro deseja (Mendes, 2022), de maneira que o local de trabalho do analista é na transferência e não cristalizado em um espaço físico no tempo cronológico. O trabalho do analista é o trabalho *da* psicanálise, que estabelece as condições mínimas para que o encontro analítico ocorra e que o analisando possa falar.

#### **4.2 O trabalho *na* psicanálise**

Como previamente exposto, o trabalho do analista é o de propiciar falas de modo que o sujeito restitua partes de sua história que se encontram esquecidas, descontinuadas ou cifradas em sintomas. Entretanto, a fala é consequência e veículo de outros tipos de trabalho que o analisando realiza inconscientemente. Vale destacar os trabalhos do luto (Freud, 1917/2016) e do sonho (Freud, 1900/2019) nos quais Freud se debruçou detidamente para entender dinamicamente,

economicamente e topologicamente as manifestações inconscientes e as patologias associadas a esses fenômenos.

Contudo, a presente dissertação concentra-se na situação analítica, na qual analista e analisante se encontram para realizar conjuntamente o trabalho de psicanalisar. Em *Lembrar, repetir e perlaborar*, Freud (1914/2017) trata desses três trabalhos citados no título pelos quais o analisando percorre durante um processo de análise. Primeiramente, Freud discorre sobre o trabalho de lembrar, no qual o analisando é tomado por resistências ao rememorar situações originárias de sintomas. A essa altura da teoria, Freud comunica uma "nova divisão de trabalho": o analista comunica as resistências que eram desconhecidas pelo analisando e a partir daí o analisando torna-se capaz de falar sobre as situações esquecidas e os contextos esquecidos. Mesmo que o paciente consiga relembrar, ainda há casos em que cenas e contextos continuam recalcados e que só se tornam acessíveis pela via do sonho ou, segundo Freud, pela via do ato.

Freud introduz a noção de que o analisando repete em ato aquilo que não se lembra. Repetir, que pode ser considerado um trabalho morto por ser efeito de um conteúdo recalcado, alienando o sujeito do entendimento da sua história e de seu funcionamento, será paulatinamente substituído pelo perlaborar. Freud sublinha que a transferência é uma parcela da repetição e, contraditoriamente, seria por meio da transferência que a repetição poderia arrefecer seus efeitos. Ele explica: "Quando o vínculo se tornou útil de alguma forma através da transferência, o tratamento conseguirá impedir o paciente de realizar todas as ações de repetição significativas, utilizando essa intenção *in statu nascendi* como material para o trabalho terapêutico" (Freud, 1914/2017, p. 158). Então o analisando transformará a compulsão para repetição em material de análise, tornará a compulsão em trabalho de análise, trabalho que consiste na fala sobre as resistências que se apresentam como repetição.

Freud (1914/2017) utiliza o termo perlaborar (*durcharbeiten*) para designar esse tipo de trabalho de vencer a resistência por meio da associação livre. Perlaborar é um trabalho de vencer as resistências, perfazer através da fala o caminho para superar a resistência de análise. É nesse trabalho

que Freud reconhece uma transformação mais potente nos pacientes e é o que afasta a psicanálise de um tratamento sugestivo, uma vez que o trabalho é do paciente em falar sobre essas repetições e resistências.

Lacan, reforçando a centralidade da fala no trabalho analítico, vai equivaler essa centralidade ao aprendizado de um trabalho pelo analisando. Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, o autor indica que "trata-se realmente de um trabalho, e tanto é um trabalho que se pôde dizer que ele exige uma aprendizagem, e chegar a ver nessa aprendizagem o valor formativo desse trabalho" (Lacan, 1966/1998, p. 250). Portanto, a associação livre e o perlaborar são trabalhos que precisam ser aprendidos. Mas Lacan demarca bem que não é em qualquer tipo de fala que o analista deverá concentrar seu trabalho, é somente na fala plena do analisando que o analista poderá intervir.

De qualquer maneira, a análise tem esse valor formativo de transformar o analisando, nas palavras de Lacan (1966/1998), em um operário especializado da fala. Um trabalhador que aprende a falar vivamente em busca de uma verdade sobre parte de sua própria história que é "marcada por um branco ou ocupada por uma mentira" (Lacan, 1966/1998, p. 260). Verdade essa que pode ser resgatada nos monumentos (o corpo, destino da linguagem metafórica do sintoma neurótico histórico), nos documentos de arquivo (lembranças sobre a infância), na evolução semântica (vocabulário particular do sujeito, com suas significações específicas e seus estilos), nas tradições (lendas que veiculam a história do sujeito) e nos vestígios (as distorções exigidas das memórias adulteradas nos momentos que a enquadram, cujo o sentido será restabelecido por uma detida leitura). (Lacan, 1966/1998).

À vista disso, é o trabalho que o analisando deve realizar em se implicar na sua fala, em contribuir com a análise a partir de uma fala plena, em busca de uma verdade. Retomando as ideias já discutidas: (1) na situação analítica, tanto o psicanalista quanto o analisando trabalham e (2) o psicanalista é o profissional/trabalhador que frustra uma solicitação de mercadoria convidando o solicitante a trabalhar, promovendo a possibilidade de um trabalho vivo em transferência.

Aqui o argumento de Mendes (2022) de que a análise é um processo de trabalho vivo, em termos marxistas, encontra sua validade. Isso porque o processo de análise - tendo como mola mestra a transferência, o trabalho do analista possibilitando uma fala plena do analisando e, através desta, a restituição de uma verdade e partes da sua história responsáveis por uma alienação do seu desejo - abre caminho para uma retomada dos meios de produção dos sintomas do analisando por ele próprio, não mitigando por completo a sua alienação porém permitindo que se entreveja o que se passa em sua vida de forma menos confusa e, assim, transformações sejam possíveis.

Nota-se que em hora nenhuma o espaço físico foi discutido como uma condição imprescindível para que o trabalho analítico ocorra. O local de trabalho não é espacializado mas é discursivo, na fala, no discurso e na transferência.

#### **4.3 Trabalhos (im)possíveis fora do *setting***

É interessante perceber por meio da experiência de campo que a proposta inicial de Freud (1895/2016) ainda reverbera, em alguma medida, no imaginário contemporâneo sobre a atuação de um psicanalista. O projeto de escuta na instituição teve seu início sem uma demanda muito evidente, porém era evidente que poderíamos tratar algum tipo de sofrimento vivenciado por aquelas mulheres. A instituição aceitou o projeto com a ideia de que, por meio do trabalho psicanalítico, o sofrimento devido a causas sociais vivido por aquelas mulheres poderia ser curado através de vias psíquicas (Guralnik, 2016; Nath, 2022). Posteriormente, com a equipe de psicanalistas um pouco mais atenta, pôde-se constatar que o objetivo da instituição era curar as mulheres da pobreza, oferecendo vias para essa cura por meio do trabalho precarizado de produção de artesanato e tentando incluir o trabalho dos psicanalistas como um facilitador para esse objetivo.

Aqui cabe também articular o que foi discutido sobre a constituição sócio-histórica da Psicanálise no Brasil: esperar da psicanálise um tratamento corretivo de comportamentos do "id primitivo", responsável por produzir o "atraso" econômico e moral da sociedade (Castro, 2014). Isso toma forma nos momentos tardios da autoetnografia no qual a instituição solicitou que realizássemos

dinâmicas grupais sobre educação financeira na esperança de que as artesãs desenvolvessem algum tipo de "espírito empreendedor", reforçando uma certa responsabilidade subjetiva por elas sofrerem de "baixa renda" e "violência urbana". Nos momentos iniciais da autoetnografia o que imperava eram as marcas e os resquícios dos primeiros momentos da Psicanálise em solo brasileiro.

As artesãs resistiram durante algumas semanas a iniciar uma conversa com os membros da equipe de psicanálise por vergonha e desconfiança. Vergonha muito associada aos comentários em tom de brincadeira sobre psicanalista ser "coisa para doido". Isso ilustra as ideias existentes no início do século XX, quando a teoria psicanalítica estava associada à prática psiquiátrica e tinha o objetivo de ser utilizada para a "correção" do povo brasileiro (Facchinetti, 2001; Facchinetti & Ponte, 2003; Guerini & Costa, 2019; Russo, 2006), adotando uma postura moralista e de julgamento.

As primeiras dificuldades que se apresentaram para a construção do trabalho de análise foram justamente encontrar meios para acessar as falas das artesãs. Em termos do trabalho *da* psicanálise, esse momento preliminar foi marcado por dúvidas sobre como estabelecer um trabalho com as artesãs para que o trabalho *na* psicanálise pudesse começar. Portanto, o movimento inicial foi o de tentar abrir um canal de comunicação com as artesãs para que a fala e a escuta pudessem ocorrer. Esse canal inaugural aconteceu pela via do grupo, onde inicialmente ocupei o lugar de "aluno" para aprender o artesanato juntamente com elas e poder participar das conversas que ocorriam nas aulas. Apostei inicialmente em uma identificação para que a transferência pudesse se constituir (Freud, 1921/2020). Essa resistência que se ergue, em minha leitura, diz respeito ao efeito de surpresa que o projeto de escuta surtiu nas artesãs, pois estas não sabiam previamente que o projeto seria ofertado nas aulas de artesanato. Sendo assim, a orientação foi para que a própria equipe tentasse "mitigar" essa desconfiança inicial de um psicanalista estar ali para observar, como um corpo estranho tentando invadir a intimidade de um grupo.

Aqui se apresenta a primeira distinção do trabalho *da* psicanálise fora do *setting* tradicional, ou mais especificamente em uma instituição: o analisando não chega até o analista com uma demanda de análise como normalmente ocorre nos consultórios privados e nos centros públicos de

saúde. Em uma ONG é o analista que cria uma demanda de análise de forma mais ativa. Isso pode ser observado em coletivos de psicanalistas que ocupam espaços públicos oferecendo a escuta psicanalítica (Bragança, Biazus & Alberti, 2022; Guimarães & Jardim, 2019; Pinto, 2019). Concretamente, eles se deslocam para praças ou locais de intensa circulação para estabelecer uma demanda de análise com as pessoas que ali transitam.

Entretanto, o caso do psicanalista que atua em uma ONG tem as suas peculiaridades. Uma delas é a clínica em uma ONG não ser exatamente pública (como ocorre no sistema de saúde brasileiro), não ser a céu aberto (como ocorrem nas inúmeras iniciativas de psicanálise na rua), mas também não ser privada, rompendo com a lógica tradicional da busca por um tratamento particular. Assim, o psicanalista que trabalha em uma ONG está em um entremuros e um extramuros muito específico e está em constante articulação com a dinâmica que cada instituição constrói para si. Outra particularidade é que a ONG entra no jogo das demandas que posteriormente podem constituir uma resistência ao trabalho analítico.

Assim sendo, o psicanalista precisa estar ciente de que o trabalho *da* psicanálise em uma ONG ganha um componente que é o lugar que este trabalhador ocupa na instituição, segunda diferença marcante em relação às outras experiências de psicanálise fora do *setting* tradicional. Rosa (2004) argumenta que os lugares apontados para o psicanalista em uma instituição têm em comum uma condição política e metodológica: "seja em que âmbito for, [a atuação do psicanalista] sustenta-se na possibilidade de tomar o discurso do mestre pelo avesso, ou seja, em uma vertente não totalitária ou fundamentalista, que torna homogêneos os modos de gozo" (Rosa, 2004, n.p). Lugares que também têm em comum uma posição: "permitir uma transferência de trabalho que focalize os projetos, e que o pulsar dos sujeitos envolvidos não seja ameaça de destruição, mas a sinalização de uma nova direção" (Rosa, 2004, n.p).

Nesse sentido, estar atento à essa condição e à essa posição será entendido como modo de sustentação do desejo do analista enquanto trabalhador em uma instituição, promovendo movimentos que possibilitam construir uma história institucional com seus avanços, tropeços e

fracassos. É este o lugar do psicanalista na instituição: "estar atento ao ato analítico em seu caráter ético e político" (Rosa, 2004, n.p). Assim, estando atento à importância de uma transferência de trabalho, foi preciso agir mais ativamente para instituir um trabalho de análise.

A autoetnografia demonstrou um aspecto importante do trabalho *na* e *da* psicanálise fora do *setting*: as artesãs, uma vez em laço com o discurso analítico, não se importavam com as condições físicas nas quais as sessões poderiam ocorrer. O relato autoetnográfico demonstra alguns episódios em que as sessões ocorreram em um gramado em frente a um prédio público (com um grande número de pessoas ao redor), sessões que se deram em frente à calçada da instituição pela falta de salas disponíveis ou em uma caminhada pelas redondezas da instituição. É importante ressaltar que essas sessões ocorreram pelo desejo delas de falar, ou seja, de realizar o trabalho *na* psicanálise. Em algumas situações o desconforto em realizar uma sessão sem um local físico tradicional era meu, por uma preocupação com a confidencialidade do relato que, por vezes, era de queixa sobre a instituição.

Maia e Pinheiro (2011) relembram que "os trabalhos de Freud e de Winnicott parecem indicar que a questão referente ao *setting* na psicanálise se relaciona muito mais com o campo teórico que embasa nossas concepções sobre o ser humano" (p. 664) do que com o lugar onde o trabalho *da* e *na* psicanálise se desenvolve. Assim, "os lugares serão apenas suportes materiais para que uma outra cena se inaugure, uma outra narrativa seja possível, uma outra história possa ser contada" (Maia & Pinheiro, 2011, p. 665). Os trabalhos *na* psicanálise puderam ser instituídos: as artesãs passaram a falar mais sobre si, falavam sobre sonhos, fantasias, desejos, angústias, histórias. Passaram a trabalhar a partir do desejo, tornaram-se o que Lacan (1966/1998) chamou de "operário especializado" da fala (p.250). Nesse aspecto, o trabalho *na* psicanálise chegou o mais perto possível do que Mendes (2018) preconiza: "Clínico e paciente formam um dueto onde a improvisação no trabalho clínico possibilita a produção de saber, o chamado a desejar, falar e trabalhar" (p. 70).

Uma vez que o trabalho *da* psicanálise com as artesãs começou a engrenar, ou seja, as artesãs passaram a realizar um trabalho *na* psicanálise, as resistências – no sentido que Lacan (1954/1986) emprega o termo, como continuidade do trabalho – passaram a vir da própria instituição

pela via do boicote ao encontro analítico. As estratégias consistiam em promover desencontros entre os analistas e as artesãs pela mudança de dias que estas poderiam frequentar a instituição, a mudança de horário, a indisponibilidade de salas para as sessões, a interferência sobre como deveria se dar o trabalho e por fim o encerramento do projeto. Essa resistência institucional passou a tomar forma e intensidade depois que o trabalho *na* e *da* psicanálise com as artesãs passou a demonstrar seus efeitos.

O primeiro efeito foi a assiduidade delas em frequentar as sessões individuais. Isso produzia um certo incômodo institucional pois, ao estarem em sessão, elas não estariam disponíveis para produzir os artesanatos, "prejudicando" os prazos e as metas que a instituição acordava com as marcas. As horas que as artesãs passaram em análise atacava o gozo institucional de "dar emprego" para as mulheres vulnerabilizadas e prejudicava a produtividade delas. O segundo efeito se deu com o desenrolar dos atendimentos: algumas artesãs passaram a questionar o funcionamento institucional, os destinos que seus trabalhos artesanais tinham em contraste com quais destinos eles poderiam obter, as hierarquias estabelecidas pela instituição em relação às "boas artesãs" e como o preço para serem reconhecidas como tais era alto e desnecessário. Esse último efeito foi a gota d'água para a instituição que, percebendo esse tipo de dinâmica, se organizou para neutralizar os efeitos da análise cortando a causa: o trabalho *da* psicanálise, ou seja, nossa presença na instituição.

Diante do tipo de resistência institucional que foi relatado na autoetnografia, tentamos estabelecer um diálogo com a diretora da instituição. Volnovich (2002) ressalta que os psicanalistas na realidade não são psicanalistas, mas instituem a psicanálise na medida em que constroem e reconstróem o saber, quando perguntam onde está o poder, quando questionam quem toma as decisões que afetam o coletivo, quando interrogam sobre qual é a relação que se estabelece com o poder, de que poder se é despojado, que poder se exerce, como se exerce e contra quem. Também se institui a psicanálise quando se questiona de que modo se joga com o interesse, o lucro e a ganância. A psicanálise se institui quando indica modos de romper a trama do instituído (Rosa, 2004).

Foi por esse caminho que tentamos abordar a diretora e os rumos que a instituição estava tomando. Obviamente nossa percepção sobre o funcionamento da instituição não era uma demanda explícita feita no início do projeto, porém percebemos que o funcionamento da instituição produzia um certo tipo de sofrimento nas artesãs e, uma vez que a demanda explícita foi um tratamento para as artesãs, era natural que fossemos tentar manejar o contato da instituição com as elas para que pudessem ter uma convivência mais harmônica por ali. Rosa (2004) aponta que a prática psicanalítica pode contribuir de pelo menos três formas na instituição em que atua: "com a escuta psicanalítica dos pacientes, levando em conta a especificidade da situação; como um analisador externo à instituição no modelo do *mais um* (oferecido pelo cartel) e como um dos membros da equipe formuladora e instauradora do processo institucional" (n.p). Nosso trabalho de funcionar como um *mais um* foi rejeitado, bem como o trabalho de poder formular processos institucionais mais éticos e saudáveis para as artesãs. O trabalho *da* psicanálise de vencer as próprias resistências encontrou uma muralha institucional que pretendia proteger a lógica do capital instalada dentro dos seus domínios.

A condição do trabalho do psicanalista está na sustentação de uma posição de bancar o desejo do analista, do seu desejo de instituir o trabalho *da* psicanálise, bem como sua própria resistência em romper com o discurso do mestre. Tal rompimento diz respeito tanto a se submeter a esse discurso, como ao risco de manter o funcionamento desse discurso invertendo somente a posição ou os representantes de cada posição, operando ainda em sua lógica (Rosa, 2002). Esse risco pode ser observado nas situações em que o discurso da psicanálise é utilizado como aquele que deve ser o hegemônico, desprezando outros discursos. Tal modo de funcionamento tem um efeito não-analítico que é atestar a existência de um discurso sem furo. Dessa maneira, "o psicanalista torna-se portador de uma identidade que rivaliza com outras (médicos, juízes, diretores)" (Rosa, 2004, n.p).

É importante considerar essa condição do trabalho em uma instituição, mas no caso aqui exposto pela autoetnografia o diálogo e talvez a negociação fossem impossíveis pois seria absolutamente necessário mudar a dinâmica em jogo da instituição, mudança que a diretora parecia

não estar aberta a realizar. Nesse caso, prevaleceu a dimensão política da equipe de psicanalistas em não desistir frente aos boicotes impostos e resistir realizando as escutas de qualquer trabalhador que demonstrasse interesse em conversar. Assim, pode-se observar o que Mendes (2018) indica no trabalho *da* psicanálise:

o clínico, na sua existência ético-política, se aproxima de uma experiência como sofrente, assumindo o sofrimento pelo trabalho como ato político frente ao discurso e prática capitalista colonial, não assumindo a identidade do colonizador. Com isso, quero dizer que o clínico, para além de ser sujeito do desejo, é um sujeito político. (p. 76)

Portanto, foi possível organizar os trabalhos possíveis e impossíveis do psicanalista fora do *setting* tradicional. No que concerne ao trabalho *na* psicanálise, o trabalho ocorre prescindindo de um espaço físico constante e frequente. A fala, a transferência, os trabalhos inconscientes e a perlaboração são possíveis pois para que esse trabalho exista basta a linguagem e o discurso que se estabelece entre psicanalista e analisando. Entretanto, no que concerne ao trabalho *da* psicanálise as condições físicas tem a sua importância no sentido de que, se o trabalho do psicanalista for excluído da equação, todo o resto cai por terra e o trabalho se torna impossível. Especificamente, o trabalho *da* psicanálise em uma instituição deve levar em consideração a organização institucional e, arrisco dizer, o manejo transferencial do clínico com a instituição para que o trabalho *da* e *na* psicanálise possa se sustentar.

## Capítulo 5. Considerações finais

*Não importa de onde você tira as coisas - importa é para onde você as leva  
(Jean-Luc Godard)*

A presente dissertação, constituída como uma pesquisa que buscou caracterizar os trabalhos (im)possíveis fora de um *setting* tradicional de psicanálise, atingiu seus objetivos na medida em que, a partir da experiência de uma autoetnografia, pôde localizar alguns desses trabalhos. A pesquisa do campo etnográfico é uma aventura na qual o se estranhar é inevitável, é um movimento necessário para produzir um saber singular sobre a própria experiência e sobre as relações que se criaram a partir dali. Acredito que esse processo também compõe a experiência analítica, onde o sujeito só pode começar seu movimento de produção de saber no momento em que se estranha, se desloca e se desidentifica consigo mesmo, permitindo a brecha fundamental para um movimento de busca de saber. Os significantes tratados aqui compõem uma cadeia; a psicanálise, a autoetnografia e o trabalho deslocado do analista, que sai do consultório em busca de descobrir que trabalho é esse. Esse movimento não é feito somente em termos físicos de deslocamento para fora do consultório, mas também em busca dos achados na constituição sócio-histórica da atividade da psicanálise em solo brasileiro.

A realização de mais estudos em psicanálise extramuros, a partir do método utilizado nesta pesquisa, é importante para que a Psicanálise possa cada vez mais se afastar de concepções elitistas e pouco situadas criticamente sobre o contexto da saúde pública e mental nacional. É importante também para alargar o debate sobre métodos novos e inovadores de pesquisa em psicanálise extramuros e para que se possa revisitar e rediscutir os achados da presente pesquisa. O estudo dos trabalhos possíveis e impossíveis do psicanalista fora do *setting* pode revelar ainda novas concepções

teóricas sobre Psicanálise e trabalho e também sobre a formação de psicanalistas à altura da subjetividade de seu tempo.

A esquizoanálise e a análise institucional, que não foram foco deste trabalho, poderiam ampliar a compreensão não só sobre a articulação entre a relação triádica analisando-analista-instituição, mas também sobre outras formas nas quais a Psicanálise e o psicanalista poderiam intervir e colaborar em vários tipos de instituições. No caso da psicanálise extramuros, seria igualmente interessante realizar pesquisas sobre a atuação de psicanalistas em clínicas-escolas de psicanálise em estudos futuros, e também sobre a possibilidade de formação de analistas em modelos fora dos *settings* tradicionais e se essa formação "não tradicional" implicaria em trabalhos *na* e *da* psicanálise diferentes.

O estudo da psicanálise extramuros permitiu ainda visualizar a importância de uma dimensão muitas vezes esquecida da prática de pesquisa em Psicanálise: a diferenciação entre psicanálise em intenção e extensão, entre psicanálise científica e aplicada e a psicanálise extramuros não como a mera prática da psicanálise fora do consultório, mas como um campo de pesquisa que tem bases epistemológicas robustas e importantes para a migração do privado para o público, do dentro para o fora e da metapsicologia para a aplicação dos conceitos freudianos a fenômenos sociais. Pode-se dizer que com esse rigor teórico e metodológico não seria o caso de engessar a pesquisa em Psicanálise nem criar "postos de alfândegas em seus limites" (Ayouch, 2019, p. 196), porém entender justamente como as articulações podem ser feitas de formas mais coerentes e epistemologicamente responsáveis.

O trabalho do psicanalista também constitui importante campo de pesquisa porque é um trabalho que não deve se fixar temporalmente nem identitariamente ao que já foi um dia. Em outras palavras, a pesquisa sobre o trabalho *da* e *na* psicanálise permite sempre analisar a inserção e articulação desses trabalhos com os movimentos que a história, a economia e a política realizam porque o psicanalista é um trabalhador de carne e osso, que sofre as consequências de seu tempo e por isso muda com ele. A mudança deve ocorrer sempre em um horizonte ético e político, e isso

atesta o afastamento que o psicanalista deve ter das identificações e a constante atenção necessária ao avesso do discurso do mestre.

Conclui-se que o trabalho *na* e *da* psicanálise fora do *setting* tradicional: (1) precisa levar em consideração o contexto social em que se insere, entendendo que muitos dos fatores de sofrimento que se pretende tratar são sociogênicos e não psicogênicos; (2) necessita também entender como iniciar o trabalho *da* psicanálise uma vez que em uma instituição não são os analisandos que chegam até o psicanalista, mas este que vai até os analisandos, demandando uma postura mais ativa e cuidadosa do psicanalista para instituir a psicanálise; (3) a relação psicanalista-instituição deve ser manejada da melhor maneira possível para que a permanência do analista possa acontecer - como mencionado previamente, há maneiras com as quais o analista pode contribuir com a instituição sem que um queira dominar discursivamente o outro.

Essas conclusões foram em grande parte demonstradas nos achados desta pesquisa, sendo um possível ponto de partida para embasar a realização de futuras pesquisas sobre os trabalhos em psicanálise, fora ou dentro do *setting*. Para tal, é essencial o amplo e sério debate epistemológico e metodológico sobre a constituição sócio-histórica da Psicanálise, sobre a psicanálise extramuros, sobre o trabalho do psicanalista e sobre a formação do psicanalista.

## Referências

- Abbott, A. (1992). *The System of Professions: an essay on the division of expert labor*. The University of Chicago Press.
- Adams, T. E., Jones, S. H., & Ellis, C. (2022). *Handbook of Autoethnography* (2nd ed.). Taylor and Francis.
- Almeida, A. J. (2010). Contributos da Sociologia para a compreensão dos processos de profissionalização. *Medi@ções Revista Online*, 1(2), 115-127. <http://hdl.handle.net/10400.26/4219>
- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e Hibridez: Gênero, colonialidade, subjetivações*. Calligraphie.
- Bragança, A., Biazus, C., & Alberti, T. (2022). Considerações sobre a experiência em uma clínica de psicanálise na rua. *Cadernos De Psicanálise | CPRJ*, 44(47), 95-117. Recuperado de [https://cpri.com.br/ojs\\_cpri/index.php/cpri/article/view/345](https://cpri.com.br/ojs_cpri/index.php/cpri/article/view/345)
- Broide, J. (2019). A clínica psicanalítica na cidade. *Psicanálise nos espaços públicos*, 48-65.
- Castro, L. L. de (2021). *A coragem de Hélio Pellegrino de romper o silêncio na psicanálise: implicações teóricas, éticas e políticas* [Tese de doutoramento em Psicologia, Universidade de Brasília]. Repositório da UnB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/43816>
- Castro, L. L. de (2023). Hélio Pellegrino: história de um inconformista radical. *Analytica São João del Rei*, 12(22), 1-33.
- Castro, R. D. de (2014). *A sublimação do "id primitivo" em "ego civilizado": o projeto dos psiquiatras-psicanalistas para civilizar o país (1926-1944)* [Tese de doutoramento em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz]. Repositório Institucional da Fiocruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/16091>
- Celes, L. A. (2005a). Psicanálise é o nome de um trabalho. *Psicologia Clínica*, 17(2), 157-171.
- Celes, L. A. (2005b). Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psychê*, 9(16), 25-48.
- Chang, H. (2008). *Autoethnography as method* (1st ed.). Routledge.

- Coaracy, A., & Guimarães, T. (2019). A experiência brasileira da psicanálise na rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 290-291.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social*. Editora Perspectiva.
- Dunker, C. I. L. (2021). *Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica* (2nd ed.). Zagodoni Editora.
- Ellis, C. (2004). *The Ethnographic I A Methodological Novel About Autoethnography* (1st ed.). Altamira Press.
- Ellis, C. (2007). Telling Secrets, Revealing Lives: Relational Ethics in Research With Intimate Others. *Qualitative Inquiry*, 13(3). <https://doi.org/10.1177/1077800406294947>
- Ellis, C., & Bochner, A. P. (2000). Autoethnography, personal narrative, reflexivity: research as subject. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 733–768). Sage.
- Facchinetti, C. (2001). *Deglutindo Freud: Histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil. 1920 - 1940*. UFRJ.
- Facchinetti, C., & Ponte, C. (2003). De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. *Psychê*, (11), 59-83.
- Faustino, D. (2022). *Frantz Fanon e as encruzilhadas - Teoria, Política e Subjetividade*. Ubu.
- Friedson, E. (1994). *Professionalism reborn: theory, prophecy and policy*. The University of Chicago Press/Polity Press.
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a Histeria (1893-1895) (L. Barreto, Trad.). *Obras completas, volume 2*. Companhia das Letras. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. Companhia das Letras. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (2020). A moral sexual "cultural" e a doença nervosa moderna. In M. R. S. Moraes (Trad.) *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2017). Recomendações ao médico para o tratamento analítico. In C. Dornbusch (Trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1912)

- Freud, S. (2017). Lembrar, repetir e perlaborar. In C. Dornbusch (Trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2017). Observações sobre o amor transferencial. In C. Dornbusch (Trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (2016). Luto e Melancolia. In M. R. S. Moraes (Trad.) *Neurose, Psicose, Perversão*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (2017). Caminhos da terapia psicanalítica. In C. Dornbusch (Trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1919)
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do eu. In M. R. S. Moraes (Trad.) *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1921)
- Freud, S. (2017). Questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial. In C. Dornbusch (Trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1926)
- Freud, S. (2017) A análise finita e a infinita. In C. Dornbusch (Trad.) *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica Editora. (Original publicado em 1937)
- Furtado, L. A. R. (2008). Desdobramentos do trabalho analítico como discurso. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 8(1), 89-102.
- Gabarron-Garcia, F. (2023). *Uma História da Psicanálise Popular*. Ubu.
- Guarreschi, L. de F. (2018). A “Proposição de 9 de outubro de 1967”, a comunidade de Escola e a decisão do Colegiado Internacional de Garantia (CIG). *Stylus Revista de Psicanálise*, (36), 113-120.
- Guerini, L. R., & Costa, M. J. d. A. (2019). A história e o resto: oscilações clínico-políticas da psicanálise e sua chegada ao Brasil. *Mnemosine*, 15(2), 11-33.
- Guimarães, T., & Jardim, R. M. M. (2019). Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 315-339.
- Guralnik, O. (2016). Sleeping Dogs: Psychoanalysis and the Socio-Political. *Psychoanalytic Dialogues*, 26(6), 655-663.

- Heissler, S. Z., & Gurski, R. (2020). Psicanálise, *Vida Loka* e Rodas de Escrita com Adolescentes Privados de Liberdade. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 40, e216281. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003216281>
- Hoffman, W. (2007). Ensaio sobre a linguagem e uma práxis psicanalítica. *Ide (São Paulo)*, 30(45), 53-63.
- Khouri, M. G., & Leite Netto, O. F. (2016). Psicanálise a céu aberto. *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 91-96. Recuperado em 09 de julho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352016000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200009&lng=pt&tlng=pt).
- Lacan, J. (1986). *O seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Zahar (Original publicado em 1954)
- Lacan, J. (1985). *O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar (Original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Zahar (Original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Zahar. (Original publicado em 1967)
- Lacan, J. (1992). *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Zahar (Original publicado em 1969)
- Larson, M. S. (1979). *The rise of professionalism: a sociological analysis*. University of California Press.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (1st ed.). Martins Fontes.
- Lima, R. A. (2019). Clínicas Públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 292-314.
- Maia, M. V. C. M., & Pinheiro, N. N. B. (2011). Um Psicanalista Fazendo Outra Coisa: Reflexões Sobre Setting na Psicanálise Extramuros. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 656-667.
- Mendes, A. M. (2018). *Desejar, Falar, Trabalhar*. Editora Fi.
- Mendes, A. M. (2022). *As Galinhas que Lutem! O Trabalho na Clínica Lacaniana*. Circuitos Edições.
- Mota, A. A. S. (2015). A autoetnografia indígena de Claude Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro. *Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, 20(1), 209-223.

- Mouammar, C. C. E. (2023). Psicanálise nos espaços públicos: escuta e transmissão psicanalítica na extensão universitária. *Humanidades & Inovação*, 10(4), 93-105
- Nath, S. (2022). Psychoanalysis and social justice: Outside in and inside out. *Aberturas Psicoanalíticas*, 71(1), 1-11.
- Nóvoa, A. (1987). *Le temps des Professeurs, vol I*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Oliveira, G. L. de, Mondoni, D., & Palma, L. (2021). "Da cidade à rede, tem parada?": Estação Psicanálise na pandemia de Covid-19. *Estilos Da Clínica*, 26(2), 297-311.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i2p297-311>
- Peirano, M. (2008). Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*, (2), 1-11.  
<https://doi.org/10.4000/pontourbe.1890>
- Pinto, T. (2019). Os pés descalços. Um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, (12), 368-385.
- Pinto, G. A. (1914). Da psicanálise : a sexualidade das neuroses. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- Pires, P. R. (1998). *Hélio Pellegrino: a paixão indignada*. Relume Dumará.
- Rodrigues, M. L. (1997). Sociologia das profissões. Celta Editora.
- Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista de Psicanálise Textura*, 1-13.
- Rosa, M. D. (2004a). *A psicanálise e as instituições: um enlace ético-político*. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, São Paulo.  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032004000100045&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032004000100045&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Rosa, M. D. (2004b). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2) 329-348.  
<http://www.unifor.br/notitia/file/184.pdf>

- Rocha, T. H. R., & Santos, Y. L. (2022). Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt: Um Contexto de Psicanálise Extramuros. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12117. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12117>
- Russo, J. A (2006). O movimento psicanalítico brasileiro. In Vilela et al (Orgs.) *História da Psicologia: Rumos e percursos*. Nau Editora.
- Santos, S. M. A. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, 25(1), 214-241.
- Silva, J. J. da (2022). Como o fazer psicanalítico pode colaborar na anamnese e na escuta qualificada preconizada pelo Sistema Único de Saúde-SUS. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 8(2), 1156–1169. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i2.4324>
- Torquato, L. C. (2015). História da Psicanálise no Brasil: Enlaces entre o discurso freudiano e o projeto nacional. *Revista de Teoria da História*, 14(2), 48-77.
- Tupinambá, G. (2014). A psicanálise é um trabalho? Uma profissão impossível e o conceito Marxista de trabalho. *Tempo psicanalítico*, 46.1, 27-43.
- Ventura, R. (2016). The concept of work in the psychoanalytic experience. *Psicologia USP*, 27(2), 282-288.
- Victor, R. M., & Aguiar, F. (2011). A Clínica Psicanalítica na Saúde Pública: Desafios e Possibilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 40-49.
- Volnovich, J. C. (2002). *As instituições psicanalíticas*. Palestra reproduzida no site Os Estados Gerais da Psicanálise.